

ARQUITETURA E PATRIMÓNIO PARA TODOS

Reabilitação da Fábrica da Tinturaria Portugália - Centro Comunitário
Intergeracional

Érica Sofia Freitas Camacho
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor Amílcar Gil Pires
Professor Doutor Flávio Lopes

Júri:

Presidente: Professor Doutor José Vítor Correia
Vogal: Professor Doutor Francisco José Agostinho

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Março, 2019

Título: Arquitetura e Património para Todos

Subtítulo: Reabilitação da antiga Fábrica da Tinturaria Portugália
- Centro Comunitário Intergeracional

Conceitos Chave: Intergeracionalidade | Reabilitação Arquitetónica |
Centro Comunitário | Património Industrial

RESUMO

Este trabalho enquadra-se nas recentes reflexões sobre os valores do património industrial e justifica-se como forma de testar as metodologias mais adequadas à reabilitação arquitetónica, dando satisfação às reais necessidades sociais das comunidades locais.

A partir da análise do Vale de Chelas, identificam-se as suas carências urbanísticas, arquitetónicas e sociais, e analisa-se o estado de conservação da antiga fábrica Tinturaria Portugália, assim como os seus limites ainda íntegros para uma reabilitação arquitetónica.

Com as informações recolhidas e o seu respetivo estudo, foi então proposto um novo uso para esta unidade fabril - Centro Comunitário Intergeracional, com o propósito de atender às necessidades sociais do local, fazendo com que a comunidade se identifique novamente com a fábrica e com a sua história.

No edifício a intervenção de reabilitação arquitetónica teve por objetivo ser o menos intrusivo possível. Urbanisticamente, houve o cuidado de valorizar o enquadramento urbano, sendo proposta uma requalificação

urbana da envolvente mais próxima, evidenciando sempre o edifício em estudo.

Mais importante do que a concretização em projeto, dos principais objetivos traçados ao longo do estudo, foi a experimentação de uma metodologia adequada à reabilitação arquitetónica de antigas unidades industriais.

Title: Architecture and Heritage for All

Subtitle: Rehabilitation of the former factory Tinturaria Portugália - Intergenerational Community Center

Keywords: Intergenerationality | Architectural Rehabilitation | Community Center | Industrial Heritage

ABSTRACT

This work is based on recent perceptions about the values of industrial heritage and it is justified as a way of testing the most appropriate methodologies for architectural rehabilitation, giving satisfaction to the real social needs of local communities

The *Chelas* Valley it's foremost characterized identifying it's urbanistics, architectural and social needs. It's also analyzed the state of conservation of the former factory *Tinturaria Portugália* and what are his limits for an architectural rehabilitation.

With the information collected and respective study, a new use was then proposed for the manufacturing unit: an Intergenerational Community Center. In order to meet the social needs of the location, making the community identify itself again with the factory and it's history.

The aim of the architectural rehabilitation intervention was to be as non-intrusive as possible, where care was taken to value its history. To improve the result, it's also proposed an

urban requalification of the nearest surroundings, always emphasizing the building under study.

More important than the realization of the main objectives in the project, was the investigation of a suitable methodology for the architectural rehabilitation of old industrial units.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus orientadores, Professor Doutor Amílcar Gil Pires e Professor Doutor Flávio Lopes pela paciência, disponibilidade, ensinamentos e dedicação nesta fase.

Ao Alexandre, pelo apoio e companhia.

Aos meus pais e familiares, pelo apoio ao longo deste percurso.

E por último, aos meus amigos e colegas, pelo espírito de entreaajuda.

O meu sincero agradecimento a todos vocês.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1 CONHECER O LUGAR	5
1.1 <i>O Vale de Chelas. Meio Físico e Social</i>	5
1.1.1 Aspetos sociais (Caracterização da comunidade)	5
1.1.2 Aspetos físicos do vale	7
1.1.3 A importância do património industrial no Vale	19
1.2 <i>O Edifício da Tinturaria Portugália</i>	29
1.2.1 História e Contextualização	29
1.2.2 Descrição do edificado e as suas patologias	33
1.2.3 Os principais valores da antiga Tinturaria Portugália	37
1.2.4 Questões de autenticidade e integridade	41
1.2.5 Questões de identidade: o edifício e a comunidade	45
2 ESTRATÉGIA – Centro Comunitário Intergeracional	49
2.1 <i>Relações Intergeracionais: uma necessidade</i>	49
2.2 <i>Centro Comunitário: Requisitos e Programa Funcional</i>	53
2.3 <i>Reabilitação como Método de Intervenção</i>	57
3 ESTUDO DE CASOS:	61
3.1 <i>Estudos referentes aos desafios que se colocam à reabilitação de antigas unidades industriais:</i>	61
3.1.1 Dissertação de mestrado de Ana Catarina Bispo Serrano com o título “Reconversão de Espaços Industriais: Três projetos de intervenção em Portugal”	61
3.2 <i>Estudos e projetos para as unidades industriais da antiga Manutenção Militar de Lisboa:</i>	63
3.2.1 Dissertação de mestrado de Sara Catarina Ribeiro Pereira com o título “Reabilitação de Património Industrial: Edifício da Antiga Central Elétrica”	63

3.2.2	Dissertação de mestrado de Paula Alexandra Pereira de Sousa com o título “Reabilitar e reutilizar o património industrial: Fábrica da moagem da antiga Manutenção Militar”	64
3.3	<i>Projetos concretos de reabilitação arquitetónica de antigas unidades industriais:</i>	65
3.3.1	A Casa das Caldeiras, Coimbra, com projeto de João Mendes Ribeiro;	65
3.3.2	Armazém Frigorífico da doca de Alcântara – Museu do Oriente, Lisboa, de Carrilho da Graça;	66
3.3.3	Fábrica dos Leões, Évora, de Inês Lobo e Ventura Trindade.	67
3.4	<i>Reabilitação de espaços com valor cultural a programas de cariz social:</i>	68
3.4.1	Quinta Alegre, Lisboa, de Victor Mestre e Sofia Aleixo;	68
3.4.2	Centro Comunitário de Reinoso, Espanha, de RAW (arquitetos Begoña Abajo e Carlos Garcia)	69
4	O PROJETO – Reabilitação e Intervenção Arquitetónica	71
4.1	<i>Abordagem Metodológica ao Pré-existente</i>	71
4.2	<i>Proposta Urbana</i>	75
4.3	<i>Intenções Programáticas.</i>	83
4.4	<i>Apresentação de um programa</i>	85
4.5	<i>O Programa Funcional e Espacial</i>	87
4.6	<i>Materialidade</i>	93
4.7	<i>Síntese quantitativa e estimativa financeira do projeto</i>	95
	CONCLUSÕES	97
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
	<i>Livros e Artigos</i>	99
	<i>Dissertações</i>	102

ANEXOS	105
<i>Recolha Cartográfica</i>	107
<i>Recolha fotográfica histórica</i>	110
<i>Levantamento fotográfico atual</i>	112
<i>Levantamento gráfico</i>	118
<i>Elementos de processo do projeto</i>	122
PEÇAS DESENHADAS	129

ÍNDICE DE FIGURAS

FIG. 1 - GRÁFICO DA ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR SEXO, 2001 E 2011 (INE, CENSOS 2011)	5
FIG. 2 - TOPOGRAFIA DE LISBOA. FEITO PELA AUTORA	7
FIG. 3 - TOPOGRAFIA E LINHAS DE ÁGUA EM LISBOA. FEITO PELA AUTORA.....	7
FIG. 4 - LINHAS DE ÁGUA E RISCO DE INUNDAÇÃO EM LISBOA. FEITO PELA AUTORA	7
FIG. 5 - PLANTA DO LEVANTAMENTO DOS EQUIPAMENTOS CULTURAIS, SOCIAIS E EDUCATIVOS. DA AUTORA	10
FIG. 6 - PLANTA DO LEVANTAMENTO DOS ESTADOS DE CONSERVAÇÃO DO EDIFICADO DO VALE DE CHELAS. DA AUTORA.....	11
FIG. 7 - PLANTA DO VALE DE CHELAS 1856 - 1858. BASEADO NAS PLANTAS DE FILIPE FOLQUE	13
FIG. 8 - PLANTA DO VALE DE CHELAS 1904 - 1911. BASEADO NAS PLANTAS DE SILVA PINTO	15
FIG. 9 - PLANTA DO VALE DE CHELAS 1950. BASEADO NAS PLANTAS DA CML.....	17
FIG. 10 - VALE DE CHELAS, 1990. FONTE DESCONHECIDA	20
FIG. 11 - VISTA DO VALE DE CHELAS DO RIO TEJO. ANO E FONTE DESCONHECIDOS.....	24
FIG. 12 - FÁBRICA TINTURARIA PORTUGÁLIA. ANTERIOR A 1980, FONTE DESCONHECIDA	26
FIG. 13 - MURO ONDE SE DESIGNA "TINTURARIA PORTUGÁLIA" PINTADO SOB AZULEJOS. ANO E FONTE DESCONHECIDOS.....	31
FIG. 14 - EVOLUÇÃO DA FÁBRICA TINTURARIA PORTUGÁLIA	32
FIG. 15 - FACHADA EM ARCO DO PÁTIO CENTRAL. IMAGEM OBTIDA PELO PROF. PEDRO PACHECO EM 2017.	33
FIG. 16 - VESTÍGIOS DO QUE ERA A COBERTURA. IMAGEM OBTIDA PELO PROF. PEDRO PACHECO EM 2017	33
FIG. 17 - RELAÇÃO ENTRE AS PAREDES LONGITUDINAIS. FONTE DESCONHECIDA	34
FIG. 18 - FACHADA PRINCIPAL. IMAGEM OBTIDA PELO PROF. PEDRO PACHECO EM 2017	34
FIG. 19 - LOCALIZAÇÃO DA CHAMINÉ DO EDIFÍCIO PRINCIPAL. FONTE DESCONHECIDA	34
FIG. 20 - RELAÇÃO ENTRE OS EDIFÍCIOS ATUALMENTE. IMAGEM OBTIDA PELO PROF. PEDRO PACHECO EM 2017	35
FIG. 21 - GUARNIÇÃO DOS CAIXILHOS DE MADEIRA DOS VÃOS. IMAGEM OBTIDA PELO PROF. PEDRO PACHECO EM 2017	36

FIG. 22 – SECÇÃO DA NAVE MAIS RECENTE DO EDIFÍCIO PRINCIPAL. IMAGEM OBTIDA PELO PROF. PEDRO PACHECO EM 2017.....	47
FIG. 23 - AS POSSIBILIDADES DA INTERGERACIONALIDADE. RENDERIZAÇÃO DO PROJETO DA QUINTA ALEGRE. DO LIVRO "QUINTA ALEGRE, DE PESSOAS PARA PESSOAS", 2017	50
FIG. 24 - AMBIENTE EM CENTRO COMUNITÁRIO. CENTRO COMUNITÁRIO DE REINOSA, FOTOGRAFIA DE MONTSE ZAMORANO	55
FIG. 25 - RELAÇÃO ANTIGO E NOVO. CASA DAS CALDEIRAS, FOTOGRAFIA DE FERNANDO GUERRA	59
FIG. 26 - MUSEU DO ORIENTE, 2008. JLCG ARQUITECTOS	62
FIG. 27 - FÁBRICA DE LEÕES, FOTOGRAFIA DE LEONARDO FINOTTI ..	62
FIG. 28 - DOURO'S PLACE, 2008. FOTOGRAFIA DE LUÍS FERREIRA ALVES	62
FIG. 29 - DESENHOS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO, DE SARA PEREIRA.....	63
FIG. 30 - FÁBRICA DA MOAGEM DA ANTIGA MANUTENÇÃO MILITAR. PLANTAS DE DEMOLIÇÕES, DE PAULA SOUSA.....	64
FIG. 31 - CASA DAS CALDEIRAS. RELAÇÃO DO ANTIGO COM O NOVO. FOTOGRAFIAS DE FERNANDO GUERRA	65
FIG. 32 - MUSEU DO ORIENTE. CORTE LONGITUDINAL, DESENHO DE JLCG ARQUITECTOS.....	66
FIG. 33 - DESENHO DE PERSPECTIVA DOS ARMAZÉNS FRIGORÍFICOS DE ALCÂNTARA, ANTEPROJETO DE JULHO DE 1938. FONTE DESCONHECIDA	66
FIG. 34 - ESPAÇO DAS EXPOSIÇÕES PERMANENTES, 2008. FOTOGRAFIA DE FERNANDO GUERRA	66
FIG. 35 -FÁBRICA DOS LEÕES. VISTAS DO EXTERIOR DO CONJUNTO DE EDIFÍCIOS, FOTOGRAFIAS DE LEONARDO FINOTTI	67
FIG. 36 - AXONOMETRIA, QUINTA ALEGRE. DESENHO DE VÍCTOR MESTRE E SOFIA ALEIXO	68
FIG. 37 - RENDERIZAÇÃO DE VÍCTOR MESTRE E SOFIA ALEIXO	68
FIG. 38 - CENTRO COMUNITÁRIO DE REINOSA. FOTOGRAFIAS DE MONTSE ZAMORANO	69
FIG. 39 - DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO. IMAGEM DE GOOGLE MAPS, ALETRADO PELA AUTORA.	76
FIG. 40 - INDICAÇÃO DO PERCURSO DO AQUEDUTO.	77
FIG. 41 - PLANTA DE DEMOLIÇÕES. FEITO PELA AUTORA	79
FIG. 42 - PROPOSTA URBANA. FEITO PELA AUTORA	81
FIG. 43 - PLANTA DE VERMELHOS E AMARELOS. FEITO PELA AUTORA	84

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda uma metodologia de intervenção arquitetónica em património industrial e toma como objeto de estudo a antiga unidade industrial designada Tinturaria Portugália, no Vale de Chelas.

O estudo enquadra-se nas recentes perceções sobre os valores do património industrial e justifica-se como forma de testar as metodologias mais adequadas à reabilitação arquitetónica, dando satisfação às reais necessidades sociais das comunidades locais.

Para poder desenvolver uma estratégia de projeto, foi caracterizado o Vale de Chelas, identificando os seus problemas urbanísticos, arquitetónicos e sociais e estudada a antiga fábrica Tinturaria Portugália, evidenciando o seu estado de conservação e os limites de uma reabilitação arquitetónica. Para justificar a reabilitação física foram escolhidos e estudados os usos funcionais mais apropriados.

A metodologia de trabalho incluiu, numa primeira fase, o estudo do local, com visitas e recolha de informação sobre o mesmo; seguidamente a pesquisa e recolha documental sobre a unidade industrial; por fim o estudo do programa de reabilitação. Foi igualmente realizada uma pesquisa bibliográfica que ajudou a fundamentar e compreender os vários aspetos das ações propostas.

O trabalho é dividido em quatro partes. Na primeira aborda-se o conhecimento do lugar, as suas características,

evolução e carências; na segunda idealiza-se uma estratégia de intervenção, em que se estuda a importância das relações intergeracionais, os requisitos de um centro comunitário e a reabilitação como método de intervenção; na terceira procede-se ao estudo de exemplos de reabilitação de antigas unidades industriais ou de edifícios destinados a fins sociais que foram, de alguma maneira, pertinentes para a construção de uma ideia de projeto, ajudando, por sua vez, a fundamentar as opções arquitetónicas escolhidas; na última parte aborda-se o projeto.

O projeto inclui, para além da reabilitação física e funcional do edifício da antiga Tinturaria Portugália, uma proposta urbana com o intuito de requalificar a envolvente da unidade fabril. O programa de ocupação inclui um Centro Comunitário Intergeracional, tendo sido estudadas e determinadas as técnicas e as materialidades a serem aplicadas.

1 CONHECER O LUGAR

Leitura e análise da arquitetura no território

1.1 O Vale de Chelas. Meio Físico e Social

1.1.1 Aspetos sociais (Caracterização da comunidade)

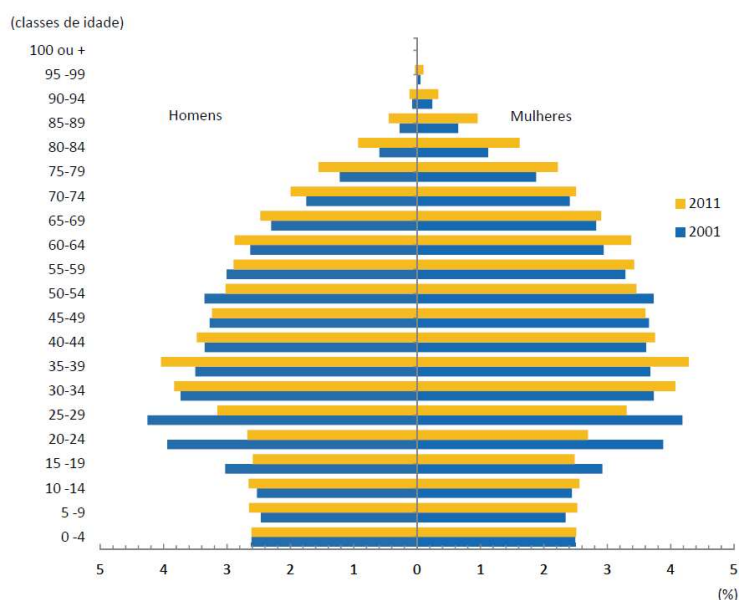


Fig. 1 - Gráfico da estrutura etária da população residente por sexo, 2001 e 2011 (INE, CENSOS 2011)

Conforme o estudo feito pelo INE, com a comparação dos dados estatísticos recolhidos em 2001 e 2011, pode observar-se a evolução do envelhecimento demográfico que está a decorrer em Lisboa e em Portugal no geral. Neste curto intervalo de tempo, houve um aumento significativo de 21,47% da população idosa com 65 ou mais anos. Em comparação, a população jovem entre os 15 e os 24 anos teve uma diminuição de -19,34%. Apesar da população entre os 0 e os 14 anos ter tido um aumento de 9,6%, esse crescimento não é suficiente para equilibrar o percentual entre a população jovem e idosa.

Umas das maiores causas da diminuição da população jovem é a emigração que tem ocorrido nos últimos anos, na procura de maior qualidade de vida e mais oportunidades a nível profissional e de formação.

1.1.2 Aspetos físicos do vale

Para se compreender plenamente a atual situação do Vale de Chelas, é necessário analisar a sua história.

A zona do Vale de Chelas registava desde o reinado de D. Maria I um surto manufactueiro, em resposta à política pombalina.

(CONSIGLIERI , 1993, P.18)

Inicialmente o Vale de Chelas era caracterizado por uma paisagem rural, com conventos, palácios e quintas. A partir do séc. XIX começou a transformar-se numa paisagem cada vez mais industrial e urbana, onde em alguns casos, fábricas e armazéns foram-se apoderando das pré-existências rurais e foram surgindo inclusivamente, alguns edifícios habitacionais.

Atualmente é uma paisagem mais urbana, com diversos edifícios habitacionais e a presença das várias ruínas industriais esquecidas no tempo, sendo que a maior densidade edificada se foca junto ao rio e vai-se dispersando à medida que se vai subindo o Vale de Chelas.

As chaminés das fábricas do vale são, hoje em dia, uma grande presença nesta paisagem urbana, sobressaindo em altura, não deixando morrer por completo a presença de uma história industrial que outrora existiu neste lugar.

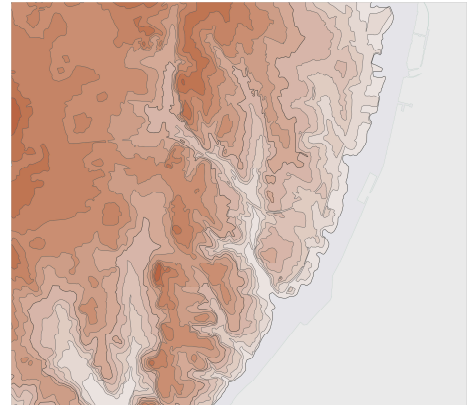


Fig. 2 - Topografia de Lisboa. Feito pela autora

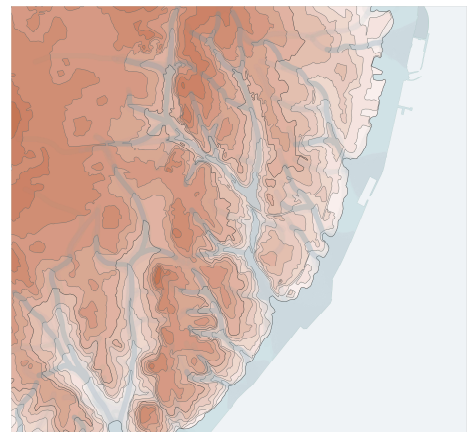


Fig. 3 - Topografia e linhas de água em Lisboa. Feito pela autora



Fig. 4 - Linhas de água e risco de inundação em Lisboa. Feito pela autora

Nos anos 40 do séc. XX, enquanto Lisboa Ocidental crescia com espaços de lazer e cultura, Lisboa Oriental ficou esquecida com as suas indústrias fabris, vilas e pátios operários. A zona de Belém, que era antigamente uma zona industrial *passou a ser entendida como uma zona de qualidade*¹, com a escolha do *Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém como expressão da “alma portuguesa”*.²

É a partir da década de 1970 que se começou a sentir, principalmente na Lisboa Oriente, os sinais de degradação e envelhecimento da atividade industrial.

Foi particularmente com o impacto social e económico, sofrido com o 25 de Abril, que as indústrias por fim se renderam, acabando os edifícios por ser votados ao abandono e ao esquecimento.

“Há milhões de anos” atrás o Vale de Chelas era um antigo golfo.³ A água foi o grande motivador e elemento natural que proporcionou o desenvolvimento, a definição e a institucionalização da cidade. Contribuindo também para a existência de atividades agrícolas, tendo sido criados socalcos, para uma melhor retenção de água, os quais ainda hoje estão presentes na paisagem do Vale.

Em Lisboa temos o rio Tejo que de facto é um grande impulsionador de fixação de todos os sectores, principalmente o industrial e o agrícola. A água funciona como base e suporte.

¹ Deolinda Folgado – Caminho do Oriente – 1999 – pág.10

² Deolinda Folgado – Caminho do Oriente – 1999 – pág.9

³ Carlos Consiglieri – Pelas Freguesias de Lisboa – 1993 – pág. 67

Foi com a industrialização do Vale de Chelas que surgiu grande necessidade de responder ao problema do alojamento dos trabalhadores e suas famílias, o que consequentemente provocou o aparecimento de nova construção, originando assim as vilas e pátios operários. São ainda hoje em dia, esses pátios e vilas que caracterizam o território e o seu tipo de edificado, mesmo após o declínio da indústria esses pátios e vilas continuam a fazer parte da paisagem e desenho urbano, assim como da comunidade local.

Uma das grandes problemáticas do abandono industrial é o facto dos espaços abandonados passarem a ser ocupados por pessoas sem-abrigo. Daí terem surgido dois equipamentos sociais, no Vale, para receber e acolher essas pessoas, o Centro de Acolhimento do Beato da Associação Vitae e o “Exército de Salvação”. O Centro de Acolhimento do Beato está inserido num dos edifícios do complexo fabril da Tinturaria Portugália sendo, atualmente, o único edifício a ganhar um novo propósito e a ser conservado. O único que não foi esquecido.

Legenda:


-  Social
-  Cultural
-  Educação

Fig. 5 - Planta do levantamento dos equipamentos culturais, sociais e educativos. Da autora





Fig. 6 - Planta do levantamento dos estados de conservação do edifício do Vale de Chelas. Da autora

A carta topográfica de 1856-1858 de Filipe Folque, demonstra que, o Vale de Chelas, recebeu as suas primeiras construções, maioritariamente de cariz industrial.



*Fig. 7 - Planta do Vale de Chelas 1856 - 1858.
Baseado nas plantas de Filipe Folque*

A carta topográfica de 1904-1911 de Silva Pinto, evidência a evolução industrial, que se desenvolveu, no Vale de Chelas, assim como o aparecimento das primeiras vilas operárias, como a Vila Dias e a Vila Flamiano. A alteração da linha de costa, do Rio Tejo, proporcionou a ampliação do território.



*Fig. 8 - Planta do Vale de Chelas 1904 - 1911.
Baseado nas plantas de Silva Pinto*

A carta topográfica de 1950 da Câmara Municipal de Lisboa, revela uma significativa evolução industrial, em que as unidades fabris e as suas habitações operárias ocuparam a maior parte do território do Vale de Chelas. A zona costeira do Rio Tejo triplicou de tamanho, desde o primeiro levantamento topográfico, dando mais área para construções industriais portuárias.



*Fig. 9 - Planta do Vale de Chelas 1950.
Baseado nas plantas da CML*

1.1.3 A importância do património industrial no Vale

Aos arquitectos compete, se tal lhes for permitido, preservar património tanto como criá-lo; sempre assim aconteceu - com ou sem arquitetos. No que à História pertence, que o façam com rigor intransigente, afastando a tentação de deixar alguma assinatura por de mais perceptível; para tal existe o campo vasto do que se vai construindo nos novos territórios (na condição de não comprometer o tecido, mais compacto ou menos, que a junção de cada caso consente)
(SIZA VIEIRA, 2009, p.324)

Antes de abordar concretamente a importância do património industrial no Vale de Chelas, é necessário primeiramente compreender o que é o Património em si, no que consiste e como podemos identificar os seus diversos valores. Apesar de todas as alterações e reabilitações, em termos físicos ou uso dos edifícios, temos que ter sempre em atenção que o património tem de vir sempre em primeiro lugar e acima de tudo, antes de qualquer decisão a tomar.⁴

Consoante Françoise Choay⁵ (1982), património, *esta bela e antiga palavra*, originalmente ligada a tudo o que estivesse relacionado com uma sociedade estável, todos os seus sistemas, económicos, jurídicos e familiares, está *enraizada no espaço e no tempo*.

⁴ Quando falo de verdade defendo a ideia de que o património está antes, primeiro e acima de tudo. (...) RAPAGÃO, IFAT, 2002, P.29

⁵ No livro *A Alegoria do Património*.



Fig. 10 - Vale de Chelas, 1990. Fonte desconhecida

O Património originalmente apenas incluía estruturas históricas e monumentais. Com o passar do tempo o conceito de património tem evoluído para diversas representações arquitetónicas, que incluem a arquitetura tradicional. É o Património que dita a nossa história, alterações económicas e sociais experienciadas. Sendo um elemento crucial e fundamental da história e vivência, requer uma grande dedicação e prudência na sua conservação e intervenção, sendo indispensável e inevitável o conhecimento e estudo exaustivo da sua história, estrutura e contexto urbano de cada um dos seus elementos.

Segundo Vasco Martins Costa, o conceito de Património tem vindo a alargar-se crescentemente e a adquirir cada vez mais importância. Com o passar do tempo, é pertinente e imprescindível garantir o registo e levantamento do conjunto do património arquitetónico que seja, de facto, um elemento essencial para o entendimento e descrição da individualidade cultural da sociedade no decorrer do tempo.

A divulgação e salvaguarda são fatores que favorecem a caracterização dos valores socioculturais e da diversidade cultural, assim como o valor da investigação da documentação informativa do imóvel, técnicas construtivas e constituição material. É necessária uma adaptação sucessiva, por parte das diversas comunidades e entidades locais, ao desenvolvimento dos conceitos patrimoniais e ao aumento do conhecimento científico e técnico.

Assim se encontram determinados os princípios a cumprir, de modo a que o património consiga sustentar a dimensão socioeconómica. É com trabalho de investigação que se torna possível validar a recolha de toda a informação para obter um enquadramento teórico. Hoje em dia, torna-se indispensável essa validação, de maneira a manter um grau de qualidade elevado no tratamento e procedimentos que a integridade e a autenticidade do património requer. O grau de qualidade de uma intervenção de reabilitação física e funcional dependerá do tratamento dos aspetos físicos da construção: estabilidade, segurança, térmica, acústica, durabilidade, etc.; e dos aspetos decorrentes das necessidades e desejos da população: fisiológicos, psicológicos, sociológicos e económicos.

O património é a componente indispensável na definição da identidade de uma comunidade, de um país e até mesmo do mundo. É sem dúvida um precedente da solidariedade social e do desenvolvimento económico. O que ajuda na compreensão da história e formação da identidade das gerações mais jovens, é realmente o património e o seu conjunto de monumentos, sítios e lugares, objetos do património e obras de arte, técnicas tradicionais, costumes, línguas, e práticas comunitárias, quer do ponto de vista nacional, regional ou local, trazendo, assim, uma certa essência à vida.

Uma conservação imprudente e imperfeita, ou até mesmo a ausência total da mesma, pode significar a perda de um tesouro patrimonial único, declarando, também, uma diminuição da riqueza cultural da humanidade, empobrecendo-a. Os bens patrimoniais são testemunhos de acontecimentos e saberes artísticos e históricos de certo tempo da sua comunidade e da sua evolução. É através do património que a comunidade conta a sua história e as suas origens.

Segundo Deolinda Folgado⁶, a industrialização de Lisboa iniciou-se em meados do séc. XVIII, e foi predominante até aos anos 70 do séc. XX, com algumas épocas mais ativas do que outras. Durante o séc. XX, já começavam a aparecer vestígios do processo de desindustrialização, surgindo, mais tarde, as primeiras ideologias do que viria a ser o Património Industrial.

O Património Industrial nasce através da nostalgia das atividades oficinais, com o objetivo de conservar o artesanato, os edifícios e as alfaías industriais, mecânicas e não mecânicas.

⁶ No livro *Caminho do Oriente*.



Fig. 11 - Vista do Vale de Chelas do rio Tejo. Ano e fonte desconhecidos.

O Património Industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.

(TAGIL, 2003)

A preocupação e valorização patrimonial do sector industrial começou por detonar-se entre as décadas de 70 e 90 do séc. XX. Apesar de ser uma presença bastante subtil, foi nesta época que tiveram início alguns projetos de reabilitação e restauro em edifícios industriais, tais como o edifício da Central Tejo, a Cordoaria Nacional, a Fábrica das Gaivotas, entre outros. Em Lisboa, os vestígios atualmente existentes da Época Industrial, podem ser observados ao longo de toda a margem ribeirinha do Rio Tejo, começando por Belém, seguindo pelo Vale de Alcântara, até Campo de Ourique e depois ao longo do Caminho do Oriente até subir pelo Vale de Chelas, acabando nos Olivais.

É a partir do fim do séc. XX que se faz sentir uma maior intenção da reabilitação e conservação do Património Industrial.

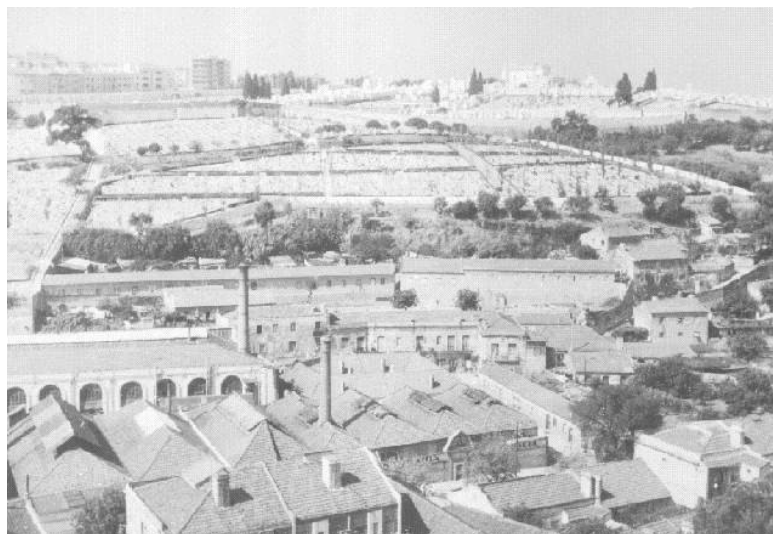


Fig. 12 - Fábrica Tinturaria Portugália. Anterior a 1980, fonte desconhecida

Com o processo de desindustrialização, nas décadas de 1970 a 1980, o número de edifícios industriais abandonados aumentou drasticamente, o que impulsionou em grande parte, uma maior atenção e preocupação na sua conservação.

Situando-se no Vale de Chelas, a antiga Fábrica da Tinturaria Portugália e a sua envolvente, são de facto um desses vestígios, de um tempo em que tudo funcionava em volta e a favor das fábricas. Ainda hoje podemos ver no local as vilas operárias, onde os operários e as suas famílias viviam, como é o caso da Vila Emilia. É quando se integra o património arquitetónico, industrial, histórico e urbano na vida das sociedades contemporâneas, que se consegue verdadeiramente reassumir o seu valor social.

A evolução da malha urbana no Vale de Chelas não obedecendo propriamente a um plano, esta progrediu por fases. Com a grande necessidade de responder às exigências das circunstâncias e dos interesses do mundo industrial, houve a necessidade da criação de vilas operárias e de serviços, de modo a garantir habitação e qualidade mínima de vida para os trabalhadores. Ao viverem junto às indústrias, com as suas famílias, acabava por tornar mais produtivo o seu trabalho, garantindo, assim, mais eficácia laboral.

Esta industrialização transformou o Vale de Chelas, que passou de uma paisagem mais natural e agrícola, de quintas e vazios rurais, para uma paisagem mais urbana e industrial, de fábricas e grandes chaminés. Uma vez que o grande fator proporcionador desta evolução industrial foi o Rio Tejo e as suas possibilidades de transportação, fez com que as margens do rio

se transformassem de margens fluviais com praias e pequenos cais, pertencentes às quintas existentes, para grandes zonas portuárias e docas de carga e descarga de mercadorias provenientes das indústrias, levando à criação de aterros consecutivos que acabaram por alterar drasticamente a linha costeira do Rio Tejo.

Para além das questões portuárias, temos também, as questões da própria topografia, onde se notam as significativas diferenças topográficas que existem, tanto na conquista da margem costeira do Rio Tejo como a criação dos grandes aterros para a implantação das diversas obras realizadas, tais como, a criação da Avenida Infante D. Henrique, entre outras grandes construções e a criação de diferentes infraestruturas. O caminho-de-ferro é também um grande fator que derivou da industrialização e ajudou na evolução industrial da própria cidade. Esta linha férrea com origem na Estação de Santa Apolónia ligou Alcântara a Xabregas, e continuou posteriormente para o Norte e Este do país.

1.2 O Edifício da Tinturaria Portugália

1.2.1 História e Contextualização

O conjunto de edifícios industriais, conhecido por Tinturaria Portugália, localiza-se em Lisboa, mais propriamente no Vale de Chelas. É limitado a nascente pela Rua Gualdim Pais e a poente pela Estrada de Chelas e o Cemitério do Alto de S. João.

Apesar dos primeiros edifícios terem surgido já no século XVIII, as primeiras representações gráficas documentadas foram realizadas nas plantas de Filipe Folque, nos anos 1854-1858.

De acordo com registos existentes no Arquivo Municipal de Lisboa (AML) a primeira proposta de intervenção documentada foi realizada em 1888, quando se apresentou um projeto de um edifício de habitação, junto à Estrada de Chelas na zona central do complexo industrial, sendo este um dos edifícios que atualmente se encontra em melhor estado de conservação, por ter sido um dos últimos a ser abandonado. Pela mesma época foi também apresentado e realizado outro projeto de habitação, também virado para a Estrada de Chelas, mas no limite mais a Sul do complexo industrial.

Em 1918, quando o complexo albergava o fabrico de lanifícios, foram requeridas alterações e adições ao lado Sul, sendo que uma das adições terá sido a colocação de uma cobertura à nave central, do edifício principal. Tudo isto de modo a responder às necessidades deste tipo de indústria.

Ainda em 1920 foi requerida a instalação de novos espaços para as caldeiras.

Em 1923, foi parcialmente construída, a fachada principal em arco, com os seus arcos, com o propósito de substituir a fachada pré-existente.

A documentação do AML demonstra algumas discrepâncias entre diferentes desenhos e anos, não sendo possível verificar, com rigor, quais os edifícios construídos nessa altura, tal como acontece nos desenhos de 1937 a 1920.

Outro pedido de licenciamento de alterações e adições foi apresentada, já em 1949, mas mesmo assim nem todas as alterações e adições requeridas foram, de facto, realizadas. No entanto, esse ano foi aquele em que se registaram maiores alterações e adições, posto que nos anos anteriores, as intervenções foram mais subtis.

Ao longo de todas estas alterações e adições podemos observar também a alteração do uso do conjunto industrial, o qual foi utilizado como fábrica de lanifícios, fábrica de farinha e, por fim, fábrica de tingimentos de tecidos.

Apesar de tantas alterações físicas e de uso, este complexo conseguiu manter uma utilidade constante durante muitos anos. É visível que as alterações foram realizadas de um modo objetivo, orientadas pelas necessidades que cada tipo de produção assim exigia.

Atualmente este conjunto de edifícios industriais já não apresenta um uso único. As diversas construções foram individualizadas, cada uma com o seu uso e proprietário.

Num muro do limite Norte do complexo, virado a nascente, para a Rua Gualdim Pais, podemos ver azulejos onde se lê a designação *Tinturaria Portugália*. Mesmo após tantos proprietários e diversos usos este conjunto de edifícios industriais continuou a ser sempre conhecido como Tinturaria Portugália.



Fig. 13 - Muro onde se designa "Tinturaria Portugália" pintado sob azulejos. Ano e fonte desconhecidos

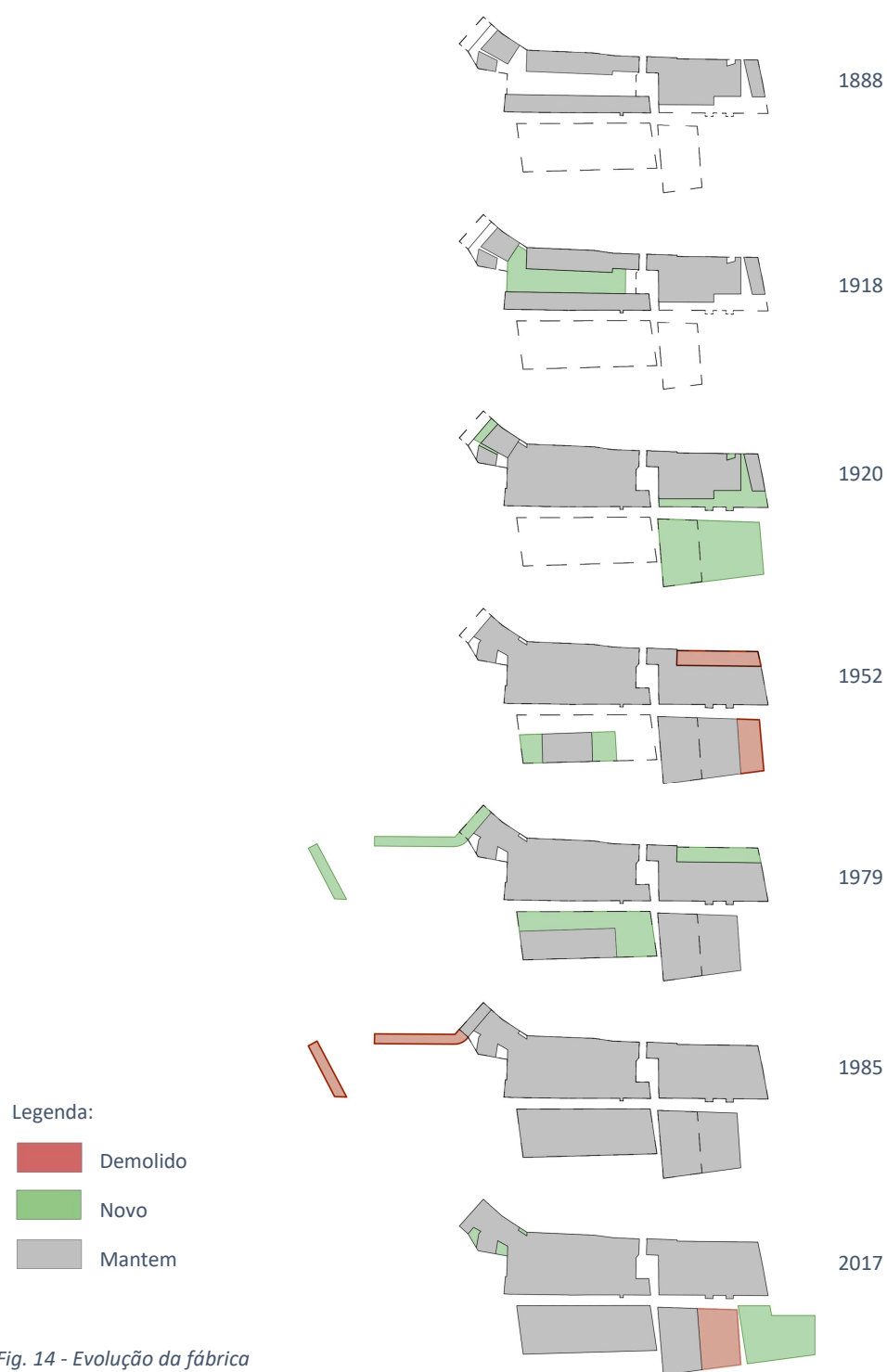


Fig. 14 - Evolução da fábrica Tinturaria Portuguesa

1.2.2 Descrição do edificado e as suas patologias

O antigo complexo fabril da Tinturaria Portugália era composto por diversos edifícios, com valores arquitetónicos diferenciados. Apenas foram analisadas e estudadas as duas construções mais importantes, visto que as restantes edificações, ou são barracões industriais, ou são construções recentes sem especial interesse.

O edifício principal

O edifício principal, disposto na direção norte, sul, é composto por três naves longitudinais, em que a central é interrompida por um amplo pátio, e a nave adjacente à Estrada de Chelas é, por sua vez, interrompida por um edifício habitacional. Apresenta-se, atualmente, em elevado grau de degradação, com a presença de inúmeras patologias. As suas coberturas e lajes, na sua maioria, colapsaram por completo. Restam alguns fragmentos de lajes de betão armado, as paredes estruturais em alvenaria irregular, vãos em arco, guarnecidos com caixilharias de madeira.

Das coberturas, apenas resistem algumas asnas que suportavam o telhado. Eram, outrora, coberturas em telhado de duas ou quatro águas, nas naves laterais e na nave central, respetivamente. Estes telhados eram suportados por uma estrutura realizada, na maioria, com asnas de madeira e, ocasionalmente, com asnas metálicas, que, por sua vez, seriam apoiadas em cachorros, ainda existentes nas paredes.



Fig. 15 - Fachada em arco do pátio central. Imagem obtida pelo Prof. Pedro Pacheco em 2017.



Fig. 16 - Vestígios do que era a cobertura. Imagem obtida pelo Prof. Pedro Pacheco em 2017



Fig. 17 - Relação entre as paredes longitudinais. Fonte desconhecida



Fig. 18 - Fachada principal. Imagem obtida pelo Prof. Pedro Pacheco em 2017



Fig. 19 - Localização da chaminé do edifício principal. Fonte desconhecida

Este grande edifício apresenta três paredes longitudinais compostas por diversos arcos, sendo que a metade norte do edifício é composta por paredes de arcos idênticos e equidistantes, o que não acontece na metade Sul, em que as paredes da nave central são compostas por diversos arcos de volta perfeita ou arco abatido, com diferentes larguras, mas com uma altura única e constante.

A sua fachada principal, virada a poente para a Rua Gualdim Pais, tem uma extensão total de 134 metros, apresentando um total de 28 arcos, equidistantes, com altura de 7 metros e uma largura média de 2,5 metros. Este ritmo de arcos é interrompido por um arco abatido com a mesma altura, mas possuindo uma largura de 4 metros. Este arco dá acesso ao pátio central.

Atualmente, a fachada nascente tem pouca leitura, atendendo a que está rodeada de várias construções sem valor.

Existem, neste complexo fabril, duas chaminés, ambas no alinhamento da fachada Norte do edifício principal, encontrando-se uma dentro do edifício principal e a outra, não muito longe, a cerca de 30 metros de distância para Este, dentro de outra propriedade.

A chaminé do edifício principal apresenta uma altura total de 21,5 metros, e é construída com uma estrutura de tijolo burro e apoios circulares metálicos, com um afastamento entre si de 3 e 4 metros.

O edifício secundário

O edifício mais pequeno, implantado a nascente do edifício principal, é bastante simples, sendo atualmente o único em uso. Com apenas um piso térreo, quatro paredes estruturantes e uma cobertura plana, interrompida lateralmente por uma chaminé seccionada. As suas fachadas são compostas por uma repetição de arcos, à semelhança da fachada do edifício principal. Encontra-se atualmente em bom estado, tendo sofrido ligeiras alterações nos vãos e na sua chaminé. Contudo, não perdeu as suas características arquitetónicas essenciais, de tipologia Industrial.



Fig. 20 - Relação entre os edifícios atualmente. Imagem obtida pelo Prof. Pedro Pacheco em 2017

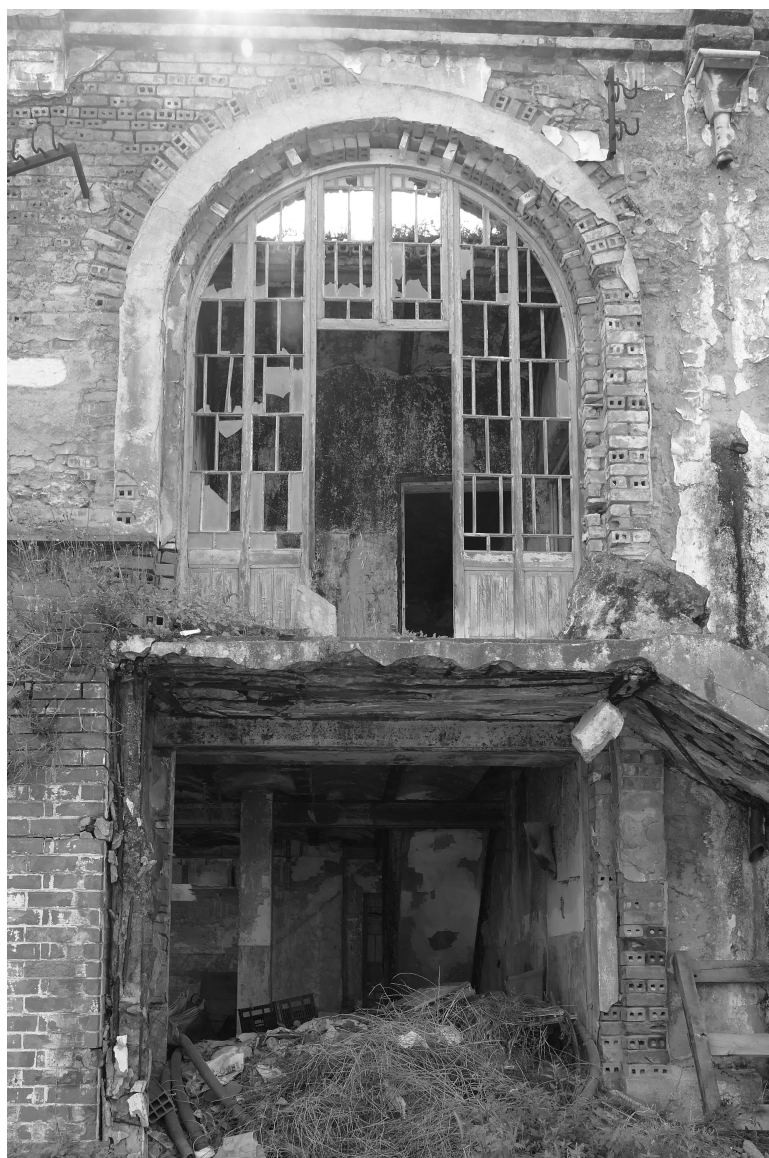


Fig. 21 - Guarnição dos caixilhos de madeira dos vãos. Imagem obtida pelo Prof. Pedro Pacheco em 2017

1.2.3 Os principais valores da antiga Tinturaria Portugália

*A sensibilidade terá de estar aliada ao conhecimento e inscrita em procedimentos patrimoniais e urbanísticos.*⁷

Segundo Deolinda Folgado⁸, um bem patrimonial é avaliado pelas suas valorizações arquitetónicas, técnicas paisagístico-territoriais, históricas, sociais e imateriais. E por sua vez, com a obtenção dessa mesma avaliação, será possível determinar os diferentes graus de qualidade patrimonial, sendo por fim ainda possível avaliar a sua singularidade, exemplaridade, raridade, integridade e autenticidade.

Contudo, após todas essas avaliações e análises de um bem industrial, ainda não fica completa a avaliação. Será necessário ter em consideração o grau de alterabilidade e, principalmente, o estado de conservação do edifício, ou do conjunto, entre outros.

Um dos caminhos mais utilizados na conservação e reutilização industrial é o caminho museológico. Em Portugal temos vários exemplos disso, como o Museu da EDP (Lisboa), o Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês (Silves), entre muitos outros.

Este caminho é o mais utilizado quando as fábricas se encontram em bom estado de conservação. Mas o problema é que *nem todas as fábricas podem ser transformadas em*

⁷ FOLGADO, 2004

⁸ No livro *Caminho do Oriente*.

*museus, pelo risco de atrofiamento da própria lógica de sobreposição.*⁹

Por outro lado, como é o caso do complexo fabril em estudo, há muitas fábricas cujo estado de conservação já é tão precário que *já nada contêm para além das suas próprias carcaças, há muito que foram esventrados.*¹⁰

Quando se pretende reutilizar um edifício industrial e dar-lhe uma nova função ou novo uso, há que ter sempre em atenção as preocupações imediatas, e a longo prazo, que a cidade ou apenas o próprio local requerem. E claro nunca deixando de parte a *natureza e o estado de conservação do espaço.*¹¹

Na época da industrialização, a grande dificuldade era resguardar a cidade do impacto da grande revolução industrial. Atualmente encontramos-nos numa situação oposta, de não deixar que as novas urbanizações habitacionais destruam o legado industrial que nos foi deixado.

Os exemplos anteriormente mencionados, o Museu da EDP, o Museu da Cortiça (Fábrica do Inglês) e outros, são casos em que foi possível conservar a totalidade, ou a maior parte do seu edificado e todos os seus componentes.

Infelizmente isso não é aplicável ao complexo fabril da Tinturaria Portugália, uma vez que este perdeu grande parte do

⁹ Ibidem

¹⁰ Ibidem

¹¹ Ibidem

seu valor e integridade, com o passar dos anos, mesmo já antes do mesmo ter sido abandonado.

Podem diversos fatores ter contribuído para esta desvalorização, como, por exemplo, o facto de não ter sido uma fábrica com um único tipo de utilização ou produção, mas sim ter abrigado diversos tipos de usos industriais.

A fábrica sofreu muitas alterações e adições, até mesmo sobreposições. Todos estes aspetos fazem com que até agora não tenha sido dado o devido valor a esta antiga unidade fabril, levando assim ao total abandono dos edifícios.

1.2.4 Questões de autenticidade e integridade

A preservação do património cultural baseia-se, geralmente, nos critérios da autenticidade e da integridade.

Segundo o critério da autenticidade são avaliadas as características e qualidades fundamentais, como *a matéria, a forma, a estrutura e o uso, entre outros*¹², que comprovam e autenticam os valores culturais. A autenticidade do património arquitetónico resulta da sua história e dos acontecimentos e desenvolvimentos ao longo dos anos.

A integridade aplicada ao património complementa o conceito de autenticidade. Ela avalia a qualidade intacta do património e dos seus atributos.

No que diz respeito à autenticidade, a reconstrução de vestígios arqueológicos, ou monumentos, ou bairros históricos só se justifica em circunstâncias excepcionais. (UNESCO 2008)

A reconstrução do património só é aceitável após uma boa e fundamentada, recolha e análise de uma documentação pormenorizada. E mesmo assim já John Ruskin, no séc. XIX, afirmava que qualquer tipo de intervenção *causava a perda de grande parte do significado documental das edificações históricas afetando sua autenticidade, seus valores evocativos e poéticos*.¹³

¹² MATOS, 2018, pág.40

¹³ DUARTE, 2017, pág.16

Seja qual for a causa da destruição de um edifício, natural, química ou humana, só é de facto aceitável a sua reconstrução se houverem motivos culturais ou sociais, que sejam determinantes para a identidade da comunidade local.¹⁴

A autenticidade pode vir a ser diminuída, pois uma vez reconstruído um monumento deixa de ser o original, o verdadeiro e ser autêntico significa ser verdadeiro.

A integridade do património arquitectónico do século XX não deve ver-se afectada por intervenções insensíveis. (ICOMOS 2011)

Com isto podemos ver que é necessário uma grande sensibilidade no que diz respeito à conservação, ao restauro e à reabilitação de um bem patrimonial, sempre de um modo a não interferir com a sua autenticidade e integridade.

Analisando o caso em estudo, o conjunto de edifícios da Tinturaria Portugália, percebemos que se trata de edifícios devolutos e bastante degradados, em que a maioria das suas lajes e coberturas são quase inexistentes, prevalecendo apenas as suas fachadas e paredes principais.

Deste conjunto edificado apenas em um dos edifícios, o último a ser abandonado, se consegue conservar a maior parte da sua autenticidade e integridade individual, mantendo as suas fachadas, a sua cobertura, alterando, o mínimo necessário.

¹⁴ Carta de Cracóvia, Outubro 2000, 4º parágrafo

Pelo facto de se estar a estudar um complexo industrial composto por um diversificado conjunto de edifícios, podemos analisar as questões de autenticidade e integridade de um modo geral ou cada edifício individualmente.

É por estas razões que se torna complexo avaliar a autenticidade e/ou integridade num aglomerado de edifícios tão diferentes como estes, depois de tantos anos ao abandono e degradação. Sofrendo ao longo do tempo diversas alterações, adições e demolições, há assim diversos vestígios de diferentes épocas e diferentes tipos de arquitetura.

Apesar de todo este abandono, esquecimento e degradação ainda é possível captar a essência industrial que estes edifícios têm, a autenticidade das suas fachadas com os seus grandes vãos com arcos de volta perfeita, só não podemos considerar que este complexo industrial seja ainda íntegro, pois apenas em um dos edifícios reconhecemos esse fator, talvez por ter sido o último a ser abandonado. As restantes construções não se apresentam íntegras pois apenas restam as fachadas e alguns vestígios pontuais de cobertura e paredes interiores.

Apesar do frágil estado de conservação, o que se observa é de facto um complexo industrial que foi crescendo e adaptando-se consoante o tempo e as suas necessidades, visto ter servido diversos tipos de manufaturas e fábricas.

O conjunto edificado foi alvo de diversas alterações e sobreposições durante mais de meio século. Foram acrescentados edifícios aos já existentes e ainda foi feita a sobreposição de fachadas, como é o caso da fachada principal, orientada para a Rua Gualdim Pais que, por sua vez, foi escondida por detrás dos edifícios adicionados ao complexo industrial.

As ideias de projeto de reabilitação física e funcional desta antiga fábrica, que adiante se apresentarão, tomam por objetivo manter os elementos autênticos ainda existentes e íntegros, preservando a memória da utilização fabril.

1.2.5 Questões de identidade: o edifício e a comunidade

*Identidade: entende-se como a referência colectiva englobando, quer os valores actuais que emanam de uma comunidade, quer os valores autênticos do passado.*¹⁵

Foi a partir dos anos 20 do séc. XX que se começou a perder a grande presença que o núcleo principal de edifícios da Tinturaria Portugália tinha. Aos poucos a fábrica começou a ser escondida e rodeada por outros edifícios que foram sendo adicionados, consoante as necessidades industriais das épocas posteriores.

É por essa razão que, aos poucos, este passou a ter um peso mais negativo para a população, tanto a nível visual como a nível sentimental, ganhando cada vez mais uma conotação exclusivamente industrial.

Para um complexo industrial como este, que sofreu diversos tipos de alterações, sobreposições, demolições e adições é difícil estabelecer a sua identificação com os valores atuais da comunidade.

Podemos até afirmar que atualmente já não há, de facto, aspetos que façam a população identificar-se com este complexo industrial. E o principal motivo disso pode ser o facto de se ter tornado num conjunto de edifícios que, para o mundo exterior, apenas demonstra grandes paredões e muros, com poucas aberturas para o lado exterior, como se realmente se

¹⁵ Carta de Cracóvia, Outubro 2000, – Princípios para a conservação e o restauro do património construído, Anexo - Definições

tratasse de um objeto estranho e isolado, dissociado da comunidade envolvente.

Um projeto de reabilitação física e funcional desta antiga fábrica deve tentar estabelecer uma nova relação com a comunidade, uma nova identidade que valorize a memória dos valores do passado.



Fig. 22 – Secção da nave mais recente do edifício principal. Imagem obtida pelo Prof. Pedro Pacheco em 2017

2 ESTRATÉGIA – CENTRO COMUNITÁRIO INTERGERACIONAL

2.1 Relações Intergeracionais: uma necessidade

Partindo da ideia de reabilitar e conservar o Património Industrial, propõe-se uma nova função que seja contributiva para a comunidade, mantendo e preservando a sua história e a memória do passado industrial. Num país em que a sua população predominante é, de facto, a mais envelhecida, é necessário ter em consideração as suas necessidades e requisitos. As estatísticas (do INE) mostram-nos a importância que temos de dar à população cada vez mais envelhecida.

Como já foi estudado, no primeiro capítulo, a caracterização da comunidade e os aspetos sociais do Vale de Chelas, podemos agora chegar à conclusão de que a criação de um centro comunitário intergeracional, que reforce as relações entre gerações, é o melhor método para tentar contornar a situação atingindo novos aspetos positivos.

Para além de se estudar a interação entre as gerações, é preciso também compreender-se o habitar entre elas. Não basta termos uma interação e uma relação com pessoas de diferentes gerações. Também é fundamental aprender a viver em harmonia e concordância, com todas as diferentes gerações, compreender as suas necessidades e requisitos e saber aceitá-los a qualquer altura.

Relação é uma ligação entre dois ou mais elementos, independentemente do que foram, objetos, acontecimentos, pessoas, etc. As relações intergeracionais, não são nada mais, nada menos do que a relação entre dois indivíduos ou mais, em diferentes etapas da sua vida, de gerações distintas, em processo de desenvolvimento. Isto tudo originando uma troca de experiências, contribuindo, assim, cada indivíduo dentro de cada comunidade. Na história da civilização, a relação intergeracional mais antiga de que se tem conhecimento é a relação entre avós e netos, atingindo a definição perfeita do que realmente este tipo de relações significam e a sua importância.

As relações intergeracionais são o melhor modo de combater o isolamento dos idosos e o problema que há no dia-a-dia do 'quem é que vai cuidar do meu filho/pai?'. As vivências dos espaços, tanto para os idosos como para os mais jovens têm vindo a sofrer alterações ao longo da História. Estas gerações estão separadas pelo tempo e pela existência de vida, mas apresentam necessidades comuns, tanto a nível de acessibilidades como de cuidados de saúde.



Fig. 23 - As possibilidades da intergeracionalidade. Renderização do projeto da Quinta Alegre. Do livro "Quinta Alegre, de pessoas para pessoas", 2017

Este tipo de relações apresentam benefícios ao nível de desenvolvimento pessoal dos indivíduos envolvidos, criando ainda vantagens ao nível institucional e económico.

Dentro do desenvolvimento pessoal, apesar de cada fase da vida corresponder a certos interesses e comportamentos, estas diferenças podem ser benéficas se forem relacionadas dentro de um ambiente para todas as gerações, de maneira a minimizar os conflitos que existem entre elas. Estes relacionamentos são também meios de aprendizagem, em que se trocam costumes, saberes, experiências vividas, e deste modo é uma aprendizagem de dupla via, onde todos aprendem e todos ensinam.

(...) o verdadeiro problema das sociedades envelhecidas não está tanto no envelhecimento da sua população, mas no que as sociedades não mudaram desde que começaram a envelhecer.

(ROSA, 2012, pág.14)

Analisando o programa “Entre Gerações” desenvolvido através do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, verifica-se por parte das gerações mais idosas melhorias físicas e mentais. Já nos grupos mais jovens observam-se melhorias a níveis de aprendizagem e competências técnicas.

Para as crianças, estas interações funcionam como peça fundamental para um bom e equilibrado crescimento.

2.2 Centro Comunitário: Requisitos e Programa Funcional

Com a sedentarização, o Homem passa a escolher locais específicos para fixar o centro da sua comunidade, tendo por critério a escolha de sítios que providenciassem condições propícias ao desenvolvimento da comunidade (ANJOS, 2013, pág.17)

Sendo um Centro Comunitário, um equipamento público, de carácter comunitário, há que se compreender, primeiramente, o que se define, ao certo, por equipamento público. Estes podem definir-se pelo facto de serem concebidos, inicialmente, para e com a comunidade, para uma estrutura social mais funcional, daí ter um uso coletivo.

Considerando que o nível de desenvolvimento do território está directamente relacionado com o acesso da população a bens e serviços, indispensáveis à vida humana, os equipamentos coletivos, apresentam-se como infra-estruturas indispensáveis de interesse público. (ANTUNES, 2001, pág.1)

O papel de um equipamento público é de facto, excecionalmente evidente quando se observa o funcionamento de uma cidade. Este aparece normalmente como um elemento físico, arquitetónico e utilizador de espaço e, destaca-se das restantes formas e ocupações urbanas, mas têm sempre um valor único e simbólico, demarcando, muitas das vezes, uma centralidade e criando assim referências.

É evidente que os equipamentos públicos demonstram os níveis de qualidade de vida da população. É por isso que existe a necessidade de atender às necessidades e requisitos locais, satisfazendo, assim também, as necessidades globais.

(...) desenvolve estratégias para organizar tanto a sua independência dentro de uma identidade maior
(KOOLHAAS, 2010, pág.23)

Sendo que a cidade corresponde então a essa “identidade maior”. O planeamento destes equipamentos tem que seguir uma sequência de prioridades, o bem-estar da população, o ordenamento do território e a competitividade entre as cidades.

Os programas funcionais deste tipo de equipamentos têm que ser sempre relacionados com a população alvo, daí ser necessário uma vasta e pormenorizada investigação e análise da população, há que saber quais as faixas etárias predominantes e quais as suas necessidades, de modo a responder à maioria dos requisitos da população alvo.

Uma vez que todas essas necessidades e requisitos podem-se alterar com o tempo, é preciso que este tipo de equipamentos tenha um programa versátil e heterogéneo, de modo a haver uma melhor moldagem aos vários tipos de usos que venham a ser úteis e necessários, devendo, assim, ter uma tipologia multifuncional.

O funcionamento do centro comunitário, deve ser “moldável” e caracterizar-se por uma oferta diversificada de serviços/actividades, de acordo com a dinâmica desenvolvida com a comunidade e na comunidade. (BONFIM,2000, pág.11)

Equipamentos com a vertente comunitária destacam-se dos outros tipos de equipamentos, pela simples razão de não haver um programa específico em particular, pois, tal como o seu nome indica, o seu principal impulsor é a comunidade, daí ser inserido em locais específicos, onde existe a população mais carenciada.

Os centros comunitários desempenham uma variedade de programas e possibilidades.

Podemos defini-lo como:

(...) uma estrutura polivalente onde se desenvolvem serviços e actividades que, de forma articulada, tendem a construir um pólo de animação com vista à prevenção de problemas sociais e a definição de um projecto de desenvolvimento local, colectivamente assumido.
(BONFIM, 2000, pág.7)



Fig. 24 - Ambiente em centro comunitário. Centro Comunitário de Reinosa, fotografia de Montse Zamorano

2.3 Reabilitação como Método de Intervenção

A reabilitação arquitetónica inclui a reestruturação, a recuperação e a alteração da estrutura de um determinado edifício, de maneira a originar um certo estado de utilidade.

A Reabilitação do Património, no geral, é uma tarefa extremamente complexa, com muitos requisitos que têm de ser cumpridos com rigor. É necessária a participação de uma equipa especializada, multidisciplinar e com a formação adequada para cada tipo de tarefa. Requer ainda uma profunda investigação e formação, para se poder então melhorar a qualidade das intervenções a realizar.

Reabilitação é o conjunto de operações destinado a aumentar os níveis de qualidade dum edifício, por forma a atingir a conformidade com exigências funcionais mais severas do que aquelas para as quais o edifício foi concebido. A reabilitação é utilizada sempre que se pretenda adaptar o edifício para uma utilização diferente daquela para que foi concebido ou, simplesmente, torná-lo utilizável de acordo com os padrões actuais.

(LNEC, 1990)

O seu principal objetivo é consolidar e conservar o edifício, assim como preservar o seu aspeto e características da sua conceção original, mantendo, deste modo, as suas memórias e história.

Deve, porém, colocar as necessidades do Ser Humano no topo da lista de preocupações a ter, de modo a contribuir para o melhoramento da qualidade e das condições de vida nos centros históricos.

É no séc. XX que a Reabilitação do Património Industrial começa a ganhar importância e a ser prioritária. As áreas industriais obsoletas são uma problemática, para a qual há a necessidade de encontrar soluções, com os diferentes meios possíveis, tais como, revitalizar, restaurar, reutilizar sem perder de vista a reabilitação funcional.

As cidades nunca abrigaram tantas pessoas, nem tão grande proporção da raça humana. Entre 1950 e 1990, a população das cidades no mundo decuplicou, indo de 200 milhões para mais de dois biliões. O futuro da civilização será determinado pelas cidades e dentro das cidades. (ROGERS, 2001, pág.27)

Daí a reabilitação ser pensada com o objetivo de reutilizar o edificado já existente. É nas grandes cidades que existem edifícios e espaços, que se tornaram vestígios com algum tipo de valor, tais como, arquitetónico, artístico, cénico ou histórico.

As alterações de forma e material podem, muitas vezes, ser indispensáveis e incontornáveis, mas há que estabelecer uma linha do limite até onde essas alterações podem se estender.



Fig. 25 - Relação antigo e novo. Casa das Caldeiras, fotografia de Fernando Guerra

3 ESTUDO DE CASOS:

A metodologia de trabalho desenvolvida para fundamentar a estratégia de reabilitação física e funcional da antiga Fábrica Tinturaria Portugália baseou-se, sobretudo, no estudo do local, das suas necessidades e problemas e na procura de soluções.

No entanto, e ao longo das diversas fases de estudo, foi possível conhecer vários exemplos de reabilitação de antigos edifícios industriais, tendo por base descrições, artigos em revistas, publicações eletrónicas ou dissertações de mestrado ou doutoramento. Para melhor explicitação, o material consultado é dividido em três partes:

1. Estudos referentes aos desafios que se colocam à reabilitação de antigas unidades industriais;
2. Estudos e projetos para as unidades industriais da antiga Manutenção Militar de Lisboa;
3. Projetos concretos de reabilitação arquitetónica de antigas unidades industriais:

3.1 Estudos referentes aos desafios que se colocam à reabilitação de antigas unidades industriais:

- 3.1.1 Dissertação de mestrado de Ana Catarina Bispo Serrano com o título “Reconversão de Espaços Industriais: Três projetos de intervenção em Portugal”

Trata-se de um estudo com preocupações de requalificação urbana. Uma análise mais aprofundada de diferentes métodos de intervir no Património Industrial.

O restauro, a conservação, a reconstrução, a reutilização, a renovação, a reabilitação, a revitalização, a requalificação e a reconversão. (Ana Serrano)

(...) a “requalificação urbana” serve hoje para denominar, sobretudo, políticas de intervenção na cidade (mais ou menos) histórica, onde se tem verificado processos de obsolescência funcional, degradação de edifícios, conjuntos edificados e espaços públicos, originando, frequentemente, o abandono ou a ocorrência de usos desqualificantes. (Domingues, 2003, p.104)

Estuda as intervenções no Armazém Frigorífico da doca de Alcântara, atual Museu do Oriente e a Fábrica dos Leões, atual complexo de artes visuais e arquitetura da Universidade de Évora.



Fig. 26 - Museu do Oriente, 2008. JLCG Arquitectos



Fig. 28 - Douro's Place, 2008. Fotografia de Luís Ferreira Alves



Fig. 27 - Fábrica de Leões, fotografia de Leonardo Finotti

3.2 Estudos e projetos para as unidades industriais da antiga Manutenção Militar de Lisboa:

3.2.1 Dissertação de mestrado de Sara Catarina Ribeiro Pereira com o título “Reabilitação de Património Industrial: Edifício da Antiga Central Elétrica”

Partilha uma estratégia semelhante, onde é proposto a alteração de uso, de industrial para espaço de restauração e exposições.

No seu estudo mantém metodologicamente os traços originais, respeitando o passado histórico.

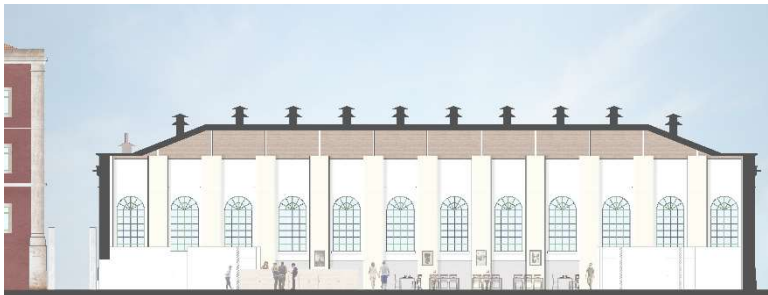


Fig. 29 - Desenhos da proposta de intervenção, de Sara Pereira

3.2.2 Dissertação de mestrado de Paula Alexandra Pereira de Sousa com o título “Reabilitar e reutilizar o património industrial: Fábrica da moagem da antiga Manutenção Militar”

Apresenta uma metodologia onde é analisada a contextualização do lugar e caracterização da antiga unidade industrial. Propõe uma alteração de uso: industrial para cultural (museológico).

Propõe uma intervenção bastante subtil, utilizando os elementos já existentes, para converter o edifício à função museológica, continuando a antiga fábrica a contar a sua história.



Fig. 30 - Fábrica da moagem da antiga Manutenção Militar. Plantas de demolições, de Paula Sousa

3.3 Projetos concretos de reabilitação arquitetónica de antigas unidades industriais:

3.3.1 A Casa das Caldeiras, Coimbra, com projeto de João Mendes Ribeiro;

Um projeto de reabilitação com conversão de uso, de industrial para cultural e educacional.

Tal como a Fábrica da Tinturaria Portugália, estava prevista a sua demolição em termos de plano urbano.

Um projeto em que, as entradas de luz e os seus vãos de arco de volta perfeita, retratam a sua grande presença e importância. Houve o cuidado de respeitar a história e pré-existências ao fazer a alteração de uso. Contém um novo núcleo, o qual respeita os limites de implantação da pré-existência, desenvolvendo-se verticalmente.



Fig. 31 - Casa das Caldeiras. Relação do antigo com o novo. Fotografias de Fernando Guerra

3.3.2 Armazém Frigorífico da doca de Alcântara – Museu do Oriente, Lisboa, de Carrilho da Graça;

O exterior foi preservado e inalterado, enquanto o interior é totalmente reformulado, preservando apenas a sua malha estrutural. Com a conversão de uso, de industrial para um espaço cultural museológico. Reabilitação baseada em três gestos: recuperar, reorganizar e redefinir.

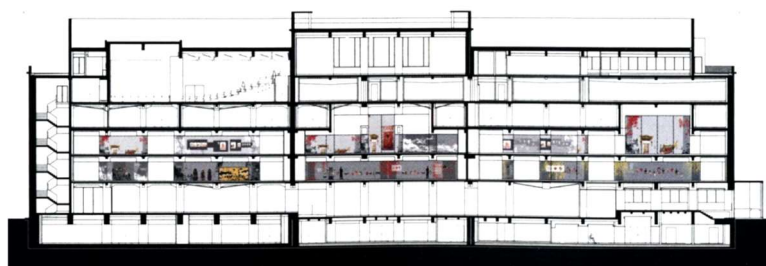


Fig. 32 - Museu do Oriente. Corte longitudinal, Desenho de JLCG Arquitectos

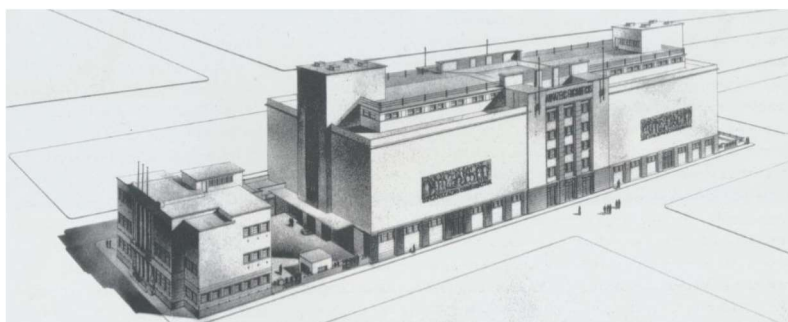


Fig. 33 - Desenho de Perspetiva dos Armazéns Frigoríficos de Alcântara, anteprojeto de Julho de 1938. Fonte desconhecida

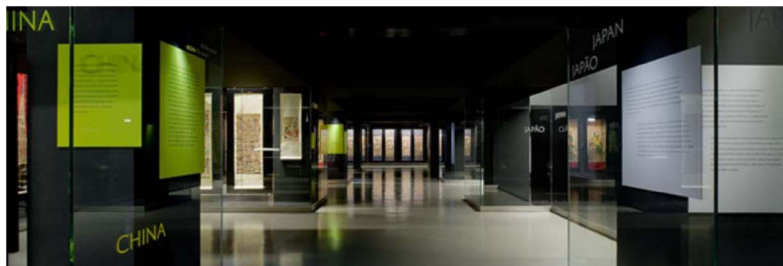


Fig. 34 - Espaço das exposições permanentes, 2008. Fotografia de Fernando Guerra

3.3.3 Fábrica dos Leões, Évora, de Inês Lobo e Ventura Trindade.

Foi adicionada uma nova volumetria, mas, mantendo a configuração original do espaço. Convertido o seu uso, de industrial para cultural e educativo.

A ideia principal do projecto de reconversão era preservar a implantação original do conjunto, recuperando os edifícios mais representativos e demolindo as estruturas menos interessantes e degradadas, o que não faziam parte do projecto original. (Ana Serrano)

Sofreu diversas alterações e adições e na intervenção foram mantidos apenas os edifícios que foram considerados “fundamentais para a preservação de essência do conjunto industrial.” (Ana Serrano) O conhecimento deste caso contribuiu para consolidar a metodologia proposta relativamente à Tinturaria Portuguesa.



Fig. 35 -Fábrica dos Leões. Vistas do exterior do conjunto de edifícios, Fotografias de Leonardo Finotti

3.4 Reabilitação de espaços com valor cultural a programas de cariz social:

3.4.1 Quinta Alegre, Lisboa, de Victor Mestre e Sofia Aleixo;



Um exemplo bastante recente de reabilitação de um palácio reconvertido a um espaço intergeracional, com uma residência para idosos.



Este caso ajudou na organização de um programa e na conciliação de pré-existências e novos volumes.

Fig. 37 - Renderização de Víctor Mestre e Sofia Aleixo

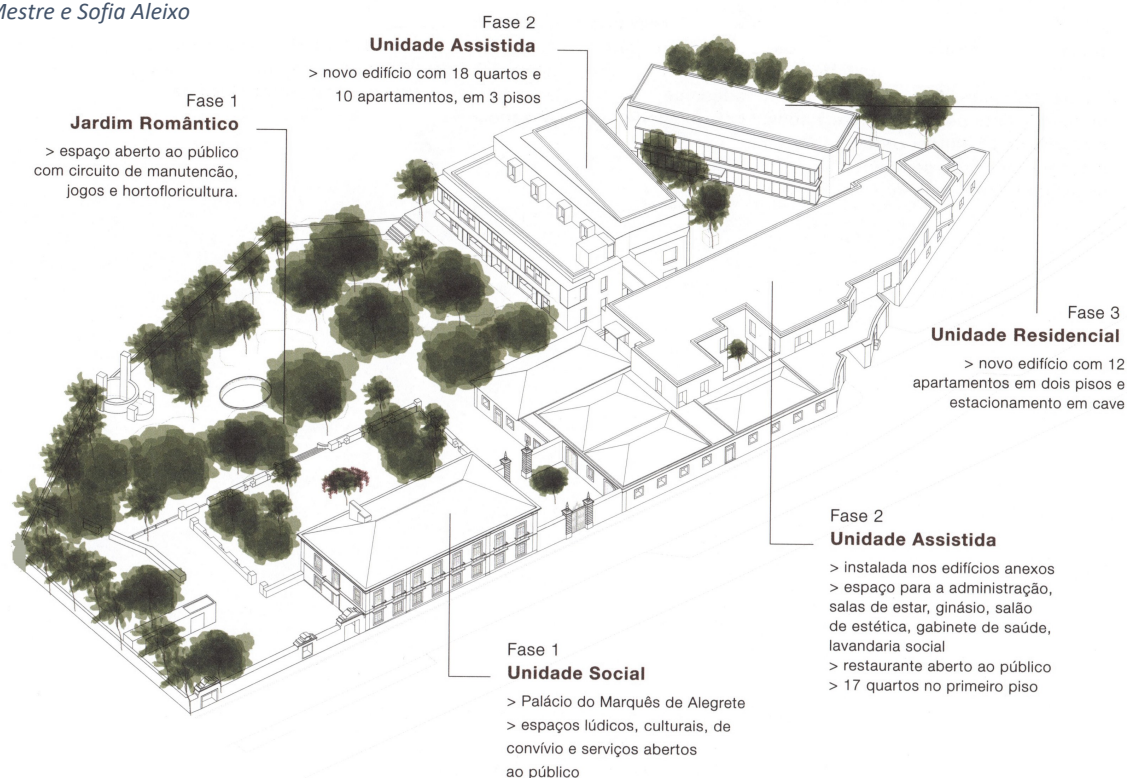


Fig. 36 - Axonometria, Quinta Alegre. Desenho de Víctor Mestre e Sofia Aleixo

3.4.2 Centro Comunitário de Reinos, Espanha, de RAW (arquitetos Begoña Abajo e Carlos Garcia)

Trata-se de uma construção nova, de modo a substituir o antigo mercado, que lá existia e que fora demolido após sofrer um incêndio. Verifica-se a intenção de transparência e fluidez visual e espacial. O espaço público estende-se para o interior, criando assim uma ligação visual, quer da rua com todo o edifício, quer entre os espaços interiores, através do pátio. O controlo da entrada de luz natural é feito através de uma ripagem de madeira que contorna todo o edifício.



Fig. 38 - Centro Comunitário de Reinos. Fotografias de Montse Zamorano

4 O PROJETO – REABILITAÇÃO E INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA

4.1 Abordagem Metodológica ao Pré-existente

O projeto pretende evidenciar uma estratégia para reabilitação física e funcional da antiga fábrica da Tinturaria Portugália, contribuindo para uma requalificação do Vale de Chelas. Utilizou-se uma metodologia onde se avaliaram as necessidades e as principais questões para as quais se procuram resposta, nomeadamente:

- Questões sociológicas, que consistem na compreensão e estudo do envelhecimento da comunidade local, do nível de consumismo presente na atual comunidade e a problemática do abandono e isolamento dos idosos;
- Questões urbanísticas, nomeadamente o abandono e degradação do Património Industrial, o tecido urbano mal consolidado e a pobre permeabilidade do Vale;
- Questões arquitetónicas, que vão desde a pouca atenção ao Património Industrial, bem como, ao lento desaparecimento da antiga fábrica, até às possibilidades de uma intervenção, valorizadora da sua história e do seu valor;
- Questões culturais, focadas principalmente no desenvolvimento cultural e intelectual da população residente.

O estudo e conhecimento de recentes reabilitações arquitetónicas, e até mesmo de novas construções, possibilitou uma aprendizagem para uma abordagem e metodologia mais adequadas ao caso em estudo.

Foi com a conciliação das informações obtidas ao longo do processo de investigação que se identificaram os objetivos. Objetivos estes que pretendem dar resposta às questões anteriormente mencionadas.

Começando pelos objetivos de vertente sociológica em que é realmente importante devolver a identidade de Cidadão à população, contribuindo para um tipo de convivência mais familiar e de amizade e para o reforço dos laços sociais e de vizinhança. Ao passar uma tarde num espaço de lazer e convívio interage-se e socializa-se muito mais do que dentro de um espaço comercial.

Em termos urbanísticos julgamos importante contrariar o abandono e o esquecimento que tem vindo a prevalecer nos últimos anos sobre este local. Julgamos importante promover a dinamização de novas atividades económicas que passam revalorizar o Vale de Chelas, promovendo, em simultâneo, a fixação de instituições sociais capazes de servir de polos agregadores da comunidade.

Reconhecemos no local a carência de equipamentos sociais, a falta de condições de habitabilidade e a degradação do espaço público.

A nível arquitetónico houve a intenção de reabilitar um edifício em pré-ruína e criar espaços aconchegantes e confortáveis, mas não claustrofóbicos, proporcionando espaços privados e, em simultâneo, de convívio mantendo a máxima relação entre interior e exterior, de maneira a existir uma correlação subtil.

Os objetivos culturais são fundamentados na educação, no trabalho e no conhecimento. Com isto pretende-se a criação de espaços que proporcionem o desenvolvimento educacional e laboral da população alvo, de modo a criar mais situações de intergeracionalidade.

4.2 Proposta Urbana

O Vale de Chelas é atualmente um espaço desconexo, mas recetivo a um novo rumo, uma nova função. Atendendo aos limites do presente trabalho apenas foram estudadas as necessidades urbanísticas da envolvente mais próxima da antiga fábrica Tinturaria Portugália.

A proposta de requalificação urbana do local de intervenção foi baseada nas ideias de praça, jardim e lazer e convívio.

Após a análise do estado de conservação dos edifícios existentes no perímetro em estudo, e da sua importância arquitetónica, chegou-se à conclusão de que existem edifícios degradados e sem especial qualificação cuja demolição se propõe para poder criar espaço público, incluindo zonas de lazer e espaços verdes. Esses espaços desafogados exteriores acentuarão a importância simbólica da fábrica do Vale.

Nos socalcos mais próximo às muralhas do Cemitério do Alto de São João, são criadas zonas de mata, para uma renaturalização do local. No quarteirão delimitado pela Estrada de Chelas e a Rua Gualdim Pais foi idealizado e proposto um conjunto de praças de convívio e de atividades populares.

Do lado Este à Rua Gualdim Pais são propostos novos edifícios habitacionais, à semelhança e na continuidade dos que já lá existem, mantendo uma vivência de vila operária, continuando a ser a antiga Vila Emilia, apenas com novas

adições, respeitando e preservando assim a memória das habitações da época industrial.

O quarteirão, onde se situa a antiga fábrica da Tinturaria Portugália, é dividido em duas partes. Numa implantou-se o complexo fabril e na outra existe um terreno desocupado, o qual se localiza na margem mais a Sudoeste do quarteirão.



Fig. 39 - Delimitação da área de intervenção. Imagem de Google Maps, aletrado pela autora.

É nesse terreno desocupado que se propõe, no meio do arvoredado, um lago e um anfiteatro exterior, que por sua vez é inundável, tendo também função a bacia de retenção nas alturas de maior precipitação.

O lago emerge com uma forma orgânica, em conjunto com o anfiteatro e o arvoredado, criando um espaço com características mais naturais, trazendo um pouco de tranquilidade.

Em seguida, ao percorrer-se a Estrada de Chelas vemos, do lado Sul, zonas de arvoredado, a mata, que é interrompida pelo

grande muro de suporte do Cemitério do Alto de São João. Este apresenta um grande potencial, ganhando vida e cor ao ser transformado numa tela de arte, através de trabalhos de arte urbana, podendo assim ficar ao usufruto e à responsabilidade da Escola de Artes e Comunicação-ArCo, vizinha ao edifício. Dessa forma, unem-se as diferentes artes, a arte urbana e a arte orgânica.

Ao longo do vale existem vestígios de estreitos caminhos pedonais, com formas orgânicas. Próximo à zona de intervenção encontra-se a Calçadinha de Santo António, cujo percurso é realizado contornando os muros de suporte do cemitério, e seguindo para Norte. Esta também tem uma ligação direta com a Estrada de Chelas. Sendo ambos os caminhos ideais para percursos pedonais com pontos de repouso e ainda uma faixa de ciclovia. A Calçadinha também tem o potencial de realizar uma ligação direta desde o centro do vale ao cemitério.

No perímetro Sul, do quarteirão, em análise, observou-se um alinhamento retilíneo que condicionou, ao longo do tempo, os edifícios e terrenos, não sendo possível passar despercebido, uma vez que num meio orgânico surge um eixo geométrico. Este eixo é o caminho por onde passa o aqueduto que liga, transversalmente, um ponto do vale ao outro.



Fig. 40 - Indicação do percurso do aqueduto.

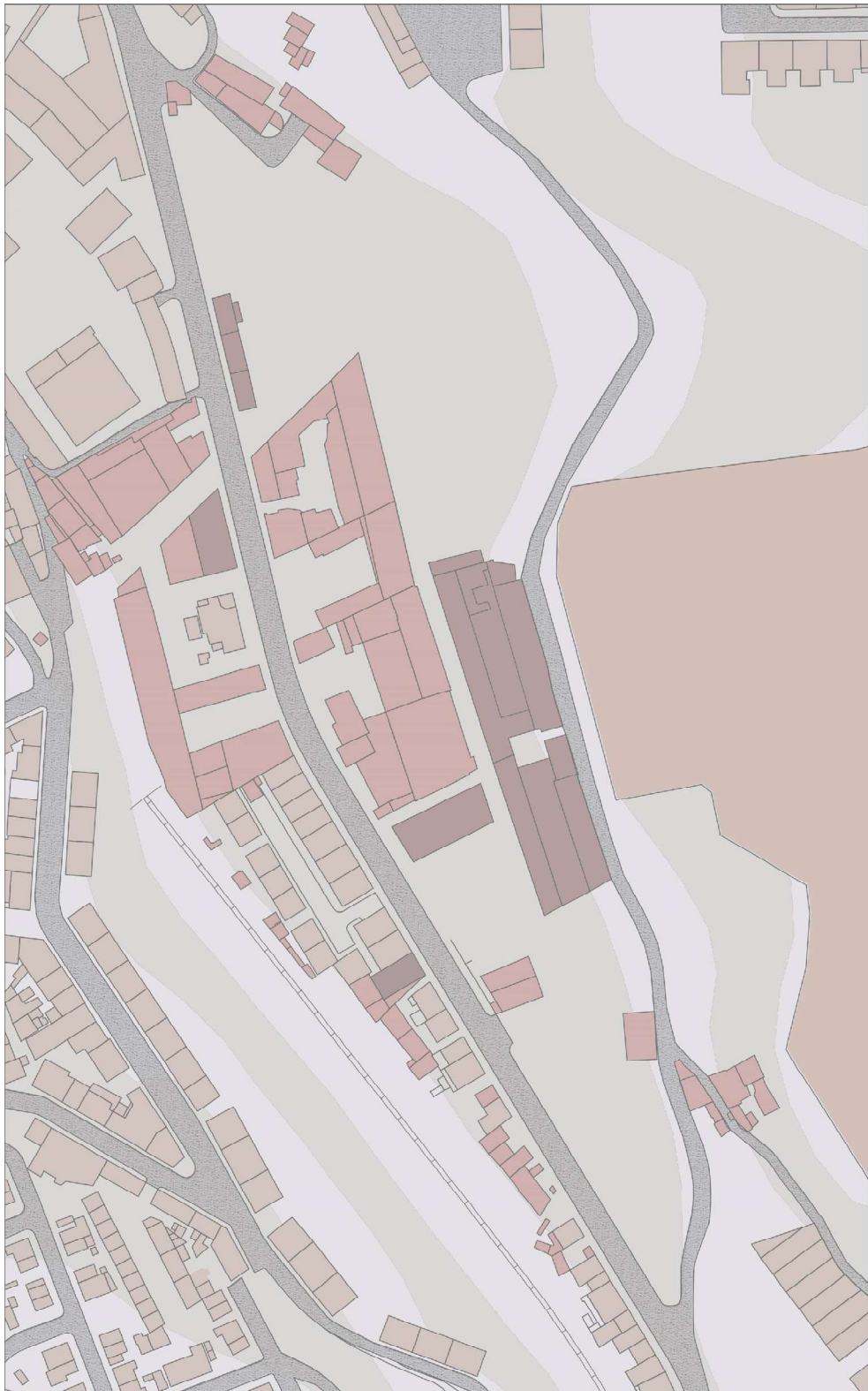
paragem e uma faixa de ciclovia. Passa, assim, a haver uma ligação pedonal desde a Av. Afonso III até ao beco Toucinheiros, criando uma maior proximidade entre o Cemitério do Alto de São João e o Bairro Madre de Deus.

A Estrada de Chelas e a Rua Gualdim Pais conduzem um corredor verde, de árvores, que por sua vez, faz a delimitação e filtragem dos quarteirões. Consegue-se, assim, obter alinhamentos e ângulos de visão para a fábrica, estando esta, sempre dentro do nosso campo de visão.

São criadas praças ao longo da zona de intervenção, em que uma delas é impermeável. Na vertente mais a Sul, junto à fábrica, localiza-se, num piso subterrâneo, o estacionamento público, originando a praça impermeável, na sua cobertura. Esta praça contém diversos espaços de estar, com zonas de sombra e zonas de sol, com diferentes sistemas de sombreamento não orgânicos, como por exemplo pérgulas.

As pérgulas ajudam a demarcar a praça, criando diferentes situações com sombreamento.

As restantes praças são demarcadas por curtos corredores de árvores que ajudam a fazer a separação entre elas. Em algumas das praças existem diferentes tipos de bacias de retenção, um desnível do terreno ou até uma pequena praça inundável.



Legenda:

- Manter
- Reabilitar / Conservar
- Demolir

*Fig. 41 - Planta de demolições.
Feito pela autora*

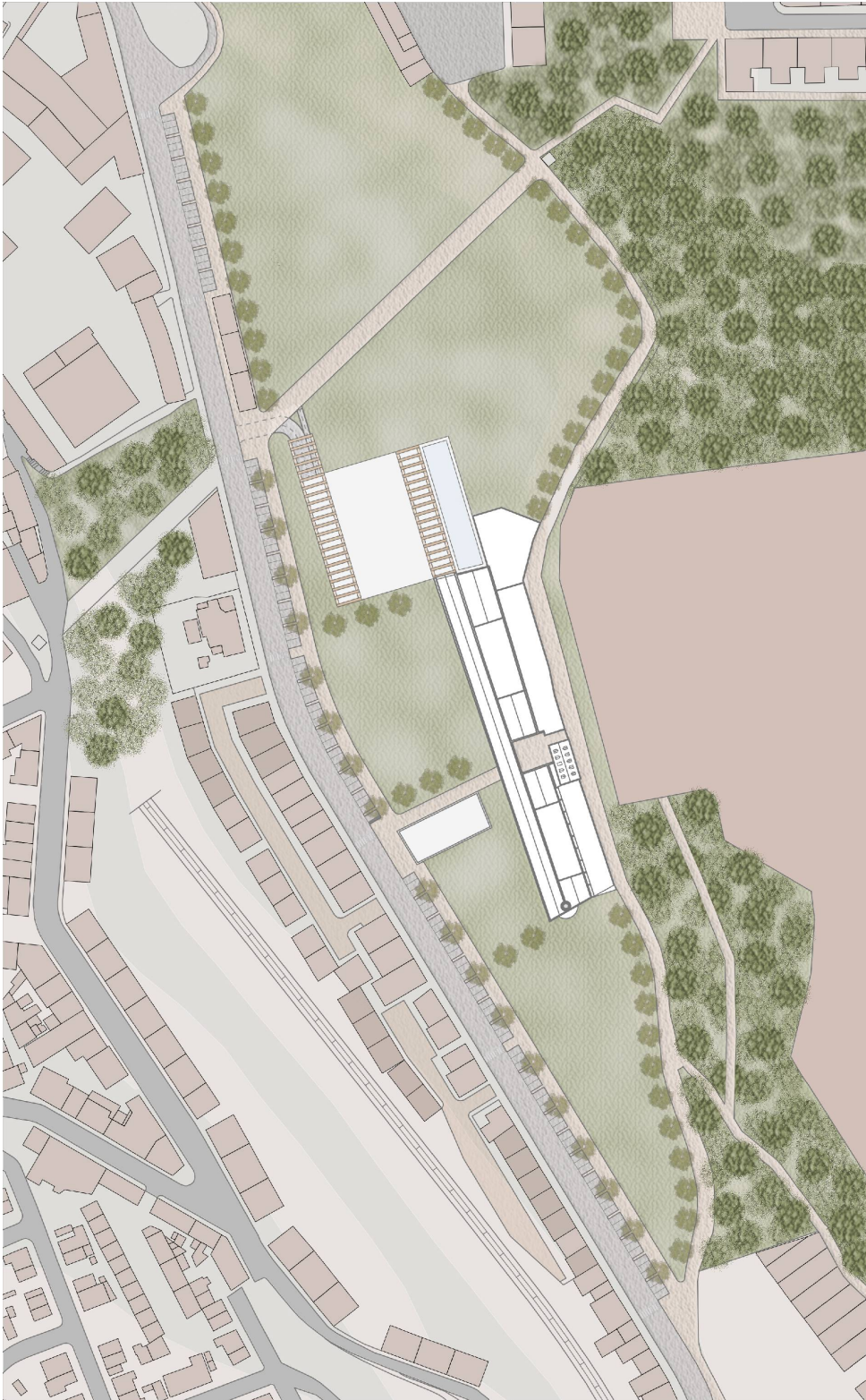


Fig. 42 - Proposta Urbana. Feito pela autora

4.3 Intenções Programáticas.

As análises realizadas ao que resta da antiga Fábrica da Tinturaria Portugália permitiram identificar o seu mau estado de conservação. Essa constatação reforçou a necessidade de encontrar um programa adequado que justifique o investimento financeiro na reabilitação física do edifício.

De facto, sabemos que uma reabilitação apenas física não seria suficiente para fazer esta fábrica renascer; para isso, é necessário um novo programa, que traga vida de volta para a fábrica e para o vale.

Foi, então, pertinente estudar uma função que favoreça e responda às necessidades da comunidade, que tenha em especial atenção os fatores sociais, como o envelhecimento populacional e que reforce as interações sociais entre gerações- Centro Comunitário Intergeracional.



Fig. 43 - Planta de vermelhos e amarelos. Feito pela autora

4.4 Apresentação de um programa

A antiga Fábrica Tinturaria Portugália ocupava, nos seus últimos anos de laboração, um aglomerado de edifícios. O programa escolhido apenas será instalado em duas construções: o edifício principal e o edifício onde se encontra, atualmente, instalado o Cento de Acolhimento do Beato.

São duas intervenções de diferente carácter, tendo em conta os estados de conservação de cada um dos edifícios. Justifica-se, assim, o restauro das paredes do edifício em melhor estado de conservação, e para o principal, em pior estado, é proposta uma intervenção mais significativa.

O edifício de menor área é transformado numa pequena estrutura museológica. São mantidas as paredes e altera-se a cobertura. Transforma-se, assim, numa praça delimitada pelas suas paredes, um espaço dedicado a uma função polivalente, com potencial de albergar pequenas feiras de comércio local, eventos culturais e de lazer, tudo para a comunidade.

Para o edifício principal, que atualmente se encontra num estado de pré-ruína, propõe-se, um Centro Comunitário Intergeracional. Este requer uma intervenção mais extensa, onde é necessária a reabilitação, restauro e reforço das estruturas pré-existentes e, conseqüentemente, a construção de novos elementos, sempre com o objetivo de manter viva a memória da história do edifício.

Em termos físicos e de volumetria, as construções novas respeitam os limites da antiga fábrica, não ultrapassando o perímetro e as alturas anteriormente predefinidos.

Deste modo, é proposta a construção da continuação do volume da nave, junto à Estrada de Chelas, repondo o seu comprimento original.

O conjunto de três volumes horizontais é mantido, ao longo do eixo do vale, em que o volume mais a oeste, é interrompido por um edifício habitacional, que se desenvolve verticalmente, com o dobro da altura das naves em seu redor.

4.5 O Programa Funcional e Espacial

A proposta apresenta três pátios distintos. O pátio central (pré existente) e dois novos que surgem com a proposta, um a Sul e um a Norte, do edifício. Estes pátios acentuam a transparência e intensificam a relação interior/exterior. Apresentam, porém, diferenças funcionais: o pátio central é público, um espaço de receção, aquando a entrada no edifício e os dois pátios laterais são privados.

O pátio central cumpre uma função de acolhimento, o primeiro impacto, a primeira impressão que o edifício transmite. Funciona como uma antecâmara de entrada ao ar livre. Um momento de transição entre o espaço público e o espaço privado.

Os novos pátios em posição lateral, são o mais permeável possível, com diversas zonas de estar e de convívio, com elementos naturais, que trazem cor e vida para o núcleo do Centro Comunitário Intergeracional. Funcionam, portanto, como um filtro natural, onde se unem diferentes atividades realizadas no interior, de lados opostos. Um momento de tranquilidade e segurança para quem permanece ou simplesmente está de passagem.

Ao percorrer o passeio, ao longo da Rua Gualdim Pais, há um primeiro impacto com o edifício polivalente, que, por sua vez, nos guia, entre si e uma das praças, em direção à entrada principal, por um caminho pedonal. Esta é a entrada que nos dá acesso ao pátio central.

Virando a Norte, do pátio, com ligação direta aos pátios central e Norte, temos a receção, um espaço amplo, com duplo pé direito, com entrada pelo maior dos cinco arcos, que compõem a fachada Norte do pátio central. Para o pátio Norte temos uma parede envidraçada com estrutura de ferro, com uma ligação visual constante da receção com qualquer um dos pátios, com o exterior.

Na metade Norte da nave adjacente às praças temos o espaço criativo, onde estão instalados quatro volumes, com uma fisionomia semelhante a contentores, com dimensões médias de 4m x 10m. Os quais contêm uma ligação física, no piso superior, a qual é feita através de pontes. São uma construção pouco invasiva à pré existência, visto não haver contacto físico entre elas. Estes volumes são salas dedicadas ao desenvolvimento criativo e cultural da comunidade; os seus pisos superiores são espaços dedicados a exposição de trabalhos de diversos tipos.

É junto à chaminé que se alcança a escada, que, com o seu afastamento, vai acompanhando a curvatura da chaminé, permitindo o acesso ao piso superior. Esta escada define ainda uma parede envidraçada curva, abrindo um vão amplo para o exterior, com a intenção de enfatizar ainda mais o principal elemento que caracteriza a história industrial, a chaminé.

Adjacente à chaminé, no piso térreo, na nave central, instala-se a sala polivalente norte, a qual tem diversos potenciais, podendo receber todo o tipo de funções, tais como, espaço expositivo, aulas de grupo, entre outros. É um espaço com duplo pé direito, aberto longitudinalmente desde o pátio

Norte à praça mais a Norte do espaço urbano. Apresenta assim a valência de ser um espaço interior ou exterior, em simultâneo.

Ainda a Norte, a receção dá acesso à nave mais próxima à Estrada de Chelas, onde se situa a biblioteca, com uma sala de arquivo e ainda um mezanino com diversas zonas de trabalho/estudo, com duplo pé direito no seu centro e ligação com o pátio Norte.

É de referir, no centro da nave adjacente à Estrada de Chelas, o edifício independente, com quatro pisos, o último em águas furtadas, onde se encontram as funções de serviços e administração, provido de um espaço de copa e de vestuários, para os funcionários.

Passando agora à metade Sul, paralelamente à entrada principal da receção, através do pátio central, entramos no salão do restaurante, um espaço com semelhantes características volumétricas da receção, com duplo pé direito, uma parede envidraçada com ligação ao pátio Sul, paralela à parede de cinco arcos de ligação ao pátio central. A cozinha e espaços técnicos localizam-se na nave oeste. Entre o espaço de refeições e a cozinha existe um corredor que nos leva a dois espaços, o espaço de atividades e a sala polivalente Sul.

A sala polivalente Sul, com duplo pé direito, pode transformar-se num espaço exterior coberto, tanto para o pátio Sul como para a praça impermeável do espaço urbano. É delimitada por uma parede envidraçada com estrutura de ferro, à semelhança das paredes da receção e do restaurante, para os pátios, permitindo sempre uma ligação visual entre eles.

Paralelamente a esta, uma parede com cinco arcos, pré-existent, na qual é aberto um largo pórtico por debaixo dos arcos, criando uma continuidade de espaço, para o exterior.

Esta sala é, também, o acesso para o auditório com uma capacidade para cerca de 150 pessoas, contendo salas técnicas, um foyer, um bar e instalações sanitárias. Trata-se de um auditório inclinado, estando a plateia numa inclinação de 8%, com um desnível de um metro, e o palco elevado a um metro de altura.

O espaço de atividades desenvolve-se em dois pisos e possui três salas, sendo uma no piso térreo e duas no piso superior. No centro dispõem-se as zonas de estar e de jogos de mesa, bem como as instalações sanitárias e o núcleo de escadas. Para além das entradas de luz natural pelos vãos virados para a Estrada de Chelas, no piso superior, existem aberturas, entre cada arco pré-existente, com ligação visual ao pátio Sul. É através do piso superior que se tem acesso a um terraço, que se estende ao longo da cobertura do auditório, no qual são praticados diversos tipos de atividades de lazer.

Faz-se a ligação ao espaço de *coworking*, através do salão do restaurante. O espaço é localizado no lado Sul, da nave onde se encontra o espaço criativo, e contém o mesmo tipo de volumetrias. São definidas diferentes áreas de trabalho, tanto no piso térreo como no piso superior.

O espaço em redor a estes volumes permite uma boa fluidez de percursos livres. A ligação entre estes é feita, igualmente, através de pontes. Neste piso superior, há ainda

uma ligação, entre o espaço criativo e o espaço *coworking*, também realizada por uma ponte.

O Centro Comunitário Intergeracional proposto apresenta uma diversidade de espaços e potencial. Três espaços polivalentes, um mais isolado e público; uma biblioteca; um espaço criativo; um espaço expositivo; um espaço *coworking*; um espaço de atividades; um restaurante; um auditório; um edifício de serviços administrativos; uma receção; três pátios e um amplo espaço público urbano.

4.6 Materialidade

A proposta sugere um conjunto diversificado de materiais: madeira, pedra, ferro, vidro e betão. Esta escolha deriva da intenção de intervir com o mínimo de impacto possível e de tirar o máximo partido dos materiais existentes em construções industriais. Apesar do novo programa proposto, é intenção do projeto manter as características e aparência industrial.

O betão é usado somente na criação de algumas das estruturas novas, como também no reforço das pré-existências. Reforço das paredes e estruturas pré-existentes, com o sistema de betão projetado. Rebocadas e pintadas de branco, como eram antigamente. É também utilizado, o betão, na criação de núcleos de acessos verticais, de instalações sanitárias e na construção dos novos volumes.

Em zonas pontuais, como as zonas de circulação, em torno dos volumes, dos espaços de *coworking* e criativo, o pavimento é apenas finalizado com o betão e os seus tratamentos e acabamentos necessários, obtendo assim um pavimento em betão aparente.

A madeira é utilizada em diversas ocasiões, como revestimento de pavimento e, em alguns casos, revestimento de paredes. São aplicados pavimentos em madeira na maioria dos espaços do Centro, apenas com algumas exceções, tais como, nas instalações sanitárias, na cozinha e zonas técnicas, na receção e no restaurante. E é ainda utilizada a madeira no

revestimento das paredes dos novos elementos, como na biblioteca e nas paredes dos volumes do espaço criativo.

A pedra surge em diversos momentos, como na guarnição de janelas, pelo exterior, e como pavimento na receção e no salão do restaurante.

O vidro é um dos materiais mais utilizados nesta intervenção, não só nos dos vãos existentes, mas também na delimitação de alguns espaços, funcionando, de certo modo, como panos de vidro. Estas superfícies de vidro, que surgem apenas na nave central, na relação interior e exterior, são de grande dimensão, medindo entre 9 a 11 metros de largo e cerca de 6,5 metros de altura, sendo, então, suportados por um sistema de caixilharia metálica.

4.7 Síntese quantitativa e estimativa financeira do projeto

Com o somatório das áreas brutas totais de cada secção da intervenção proposta obtém-se um total de:

· Área total de intervenção:	44 280,50 m ²
· Área bruta total a reabilitar:	2 696,91 m ²
· Área bruta total de construção nova:	2 622,77 m ²
· Área bruta total de est. subterrâneo:	3532,37 m ²
· Área total de arranjos exteriores:	40 457,67 m ²
· Área total de intervenção:	49 309,72 m ²

Tendo em conta os valores estipulados pela Portaria 330-A/2018, de 20/12 foi estipulado uma média de custo ao m² de:

- Reabilitação:
 $700 \text{ €/m}^2 \times 2\,696,91 \text{ m}^2 = 1.311.385 \text{ €}$
- Construção nova:
 $500 \text{ €/m}^2 \times 2\,622,77 \text{ m}^2 = 1.887.837 \text{ €}$
- Estacionamento subterrâneo:
 $400 \text{ €/m}^2 \times 3\,532,37 \text{ m}^2 = 1.412.948 \text{ €}$
- Arranjos exteriores:
 $70 \text{ €/m}^2 \times 40\,457,67 \text{ m}^2 = 32.036,90 \text{ €}$

Com estes cálculos perfaz-se um total de 4.644.206,90 € para a execução do projeto.

CONCLUSÕES

O presente estudo, de acordo com uma metodologia de análise e identificação dos problemas existentes no Vale de Chelas, em geral, e em particular, na antiga fábrica denominada Tinturaria Portugália, teve por finalidade, o estabelecimento das bases de um projeto de reabilitação arquitetónica e funcional.

Relativamente ao Vale de Chelas verificou-se que o mesmo é atualmente um espaço desconexo, que requer uma estratégia de requalificação e melhor ligação à cidade.

Foi a partir do estudo da antiga Tinturaria Portugália, atualmente em estado de pré-ruína, que se revelaram as inúmeras carências existentes, a nível urbanístico, arquitetónico e, até mesmo, social. Considerando essas carências, propôs-se um novo uso para os antigos espaços industriais: um centro comunitário intergeracional. Neste caso, as exigências sociais foram o fator motivador e a justificação da intervenção de reabilitação física e funcional da antiga fábrica.

A proposta de intervenção para a antiga fábrica Tinturaria Portugália seguiu uma metodologia que privilegiou a manutenção de todas as partes ainda recuperáveis do edificado, valorizando sempre a sua história e valor de memória, e intervindo o mais subtilmente possível, segundo os princípios da intervenção mínima.

A necessidade de testar, através de uma estratégia de projeto de reabilitação física e funcional, as possibilidades

enunciadas teoricamente conduziu a um maior aprofundamento das questões relacionadas com o edificado da antiga fábrica.

Mais importante do que a concretização, em projeto, dos principais objetivos traçados ao longo do estudo, foi a experimentação de uma metodologia adequada à reabilitação arquitetónica de antigas unidades industriais.

O Centro Comunitário Intergeracional vem implementar-se no vale e contribuir para a criação e fortalecimento de laços enquanto comunidade e deste modo, permitir saúde, bem-estar e dinamismo. O convívio entre pessoas de diversas gerações proporciona uma troca de conhecimentos e saberes obtidos pela experiência pessoal de cada um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros e Artigos

AA.VV. – *Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento Da População Portuguesa (1950-2011): Evolução e Perspectivas*; Direção Mário Leston Bandeira; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014; ISBN: 978-989-8662-50-7.

ANTUNES, António Pais (2001). *Lições de Planeamento de Equipamentos Colectivos*. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2006 Coimbra.

BONFIM, C.J. et al. (2000). *Centro Comunitário in guiões técnicos nº15*. Direcção-Geral da Acção Social, Núcleo de documentação técnica e divulgação. Lisboa, Setembro de 2000. ISBN: 972-98706-0-8;

BRANDÃO, Lenisa; SMITH, Vivian; SPERB, Tânia Mara and PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta, *Narrativas intergeracionais*. 2006. [consult. 29 Jan. 2019]. Disponível em: WWW:<URL:http://hdl.handle.net/10183/25684>.

CONSIGLIERI, Carlos, RIBEIRO, Filomena, VARGAS, José e ABEL, Marília - *Pelas Freguesias de Lisboa* - Volume 2. 1.a ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993. DL: 66407/93

CHOAY, Françoise (2001) - *A Alegoria do Património*. Tradução de Luciano Machado. Lisboa: Editora Estação Liberdade. Título original: *L'Allégorie du Patrimoine*. Paris : Ed. du Seuil, 1992 e 1996. ISBN: 978-857-448-030-5

CULLEN, Gordon - *Paisagem Urbana*. 1.a ed. Lisboa: Edições 70, 2017. ISBN: 978-972-441-401-0.

DUARTE, Rui; LOURO, Margarida; OLIVEIRA, Francisco; GAMITO, Margarida - *AutentiCIDADE - considerações sobre a condição urbana contemporânea*; Chiado Editora, 2007. ISBN: 978-989-774-527-0.

FERREIRA, Pedro Moura – *Envelhecimento Activo e Relações Intergeracionais*; in “Anuais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia”; Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa, 2011; [Consult. 29 Jan. 2019] Disponível em
WWW:<URL:http://hdl.handle.net/10451/6091>.

FOLGADO, Deolinda – *A memória ao negro ou salvaguarda como reduto da memória*, in *Estudos Património* nº6. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2004.

FOLGADO, Deolinda e CUSTÓDIO, Jorge – *Caminho do Oriente*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. ISBN: 972-241-056-3.

GARCÍA, Sergio; MARTÍ, Pablo – *Arquitectura intergeneracional y espacio público*; in Santiago, nº86, 2014; pág. 62 a 69; [Consult. 29 Jan. 2019] Disponível em:
WWW:<URL:http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37531097009>.

HENRIQUES, Fernando, *A conservação do património histórico edificado*. Lisboa, LNEC, 1990, ISBN: 972-49-1408-9

ICOMOS – *Critérios para a Conservação do Património Arquitectónico do Século XX*. Madrid, 2011. [Consult. 29 Jan. 2019] Disponível em:
WWW:<URL:http://www.icomos-isc20c.org/pdf/MDversionportuguese.pdf>.

ICOMOS e ICCROM – *Carta de Cracóvia 2000* [Consult. 29 Jan. 2019] Disponível em:
WWW:<URL:http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/c/c/cartadecracovia2000.pdf>.

IFAT - *Investigação em turismo : ciclo de debates - 2001 : livro de actas / org.* Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo; Lisboa, IFAT, 2003. ISBN: 972-95339-7-0.

INE, *Censos 2011 Resultados Definitivos - Região Lisboa*, 2011. ISBN 978-989-25-0185-7

KOOLHAAS, Rem (2010). *Três Textos Sobre a Cidade*. Tradução de Luís Santiago Baptista. 1ª edição. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2011. ISBN: 978-84-252-2371-6;

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito. *Património Arquitetónico e Arqueológico Cartas*, Recomendações Livros Horizonte, Lisboa, 2004. ISBN: 978-989-658-190-9

LYNCH, Kevin – *A imagem da cidade*. Tradução de Maria Afonso. Lisboa: Edições 70, 1959. ISBN: 978-972-441-411-9.

MARTIN, Ignacio; SANTINHA, Gonçalo; RITO, Susana; ALMEIDA, Rosa – *Habitação para pessoas idosas: problemas e desafios em contexto português*; in “Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto” (tema: Envelhecimento demográfico); 2012; pág.177 a 203; [Consult. 29 Jan. 2019] Disponível em: WWW:<URL:http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10586.pdf>.

PAIVA, José Vasconcelos; AGUIAR, José; PINHO, Ana; (coord) - *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*. Lisboa: LNEC-INH, 2006. ISBN: 978-972-492-081-8

PIRES, Amílcar Gil - *A Quinta de Recreio em Portugal*, Lisboa: Caleidoscópio, 2014. ISBN: 978-989-658-245-6

RIVAS, Juan Luis de las - *El espacio como lugar: sobre la naturaleza de la forma urbana*; Valladolid: Secretariado de Publicaciones, 1992; ISBN: 978-847-762-254-3.

ROGERS, Richard, *Cidades para um pequeno planeta*, Barcelona, Editorial Gustavo Gil, S.A, 2001. ISBN: 978-858-452-012-1

ROSA, Maria João Valente – *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*; Coleção “Ensaio da Fundação Francisco Manuel dos Santos”; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012; ISBN: 978-989-842-447-1.

SIZA VIEIRA, Álvaro - *Textos 01 – Álvaro Siza*; Coleção Arquitectura; Porto: Livraria Civilização Editora; ISBN: 978-972-262-923-2

TICCIH (2003a) - *Carta de Nizhny Tagil Sobre o Património Industrial* [em linha]. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH). Tradução da responsabilidade da APPI – Associação Portuguesa para o Património Industrial. [consult. 29 Jan. 2019]. Disponível em: WWW:<http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>.

UNESCO – *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*; 1972; [Consult. 29 Jan. 2019] Disponível em: WWW:<URL:<https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>.

UNESCO - *Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial*; 2008; [Consult. 29 Jan. 2019] Disponível em: WWW:<URL:<http://whc.unesco.org/archive/opguide08-pt.pdf>>.

Dissertações

ANJOS, Manuel - *Construir no construído. Novas soluções para a zona industrial de Alcântara. Sustentabilidade social das áreas urbanas – diálogo intergeracional*. Faculdade de Arquitetura – UTL; Lisboa, 2013; Dissertação de Mestrado.

CHURRO, Inês – *Construir no Construído na Cidade de Odivelas: O papel indispensável do equipamento público na cidade*; Faculdade de Arquitetura – UTL; Lisboa, 2013; Dissertação de Mestrado.

MATOS, Vanda – *Habitação Coletiva de promoção cooperativa, critérios de autenticidade na sua conservação e reabilitação*; Faculdade de Arquitetura – UL; Lisboa, 2018; Dissertação de Douturamento

MIRANDA, Joaquim – *Arquitetura, Património e Autenticidade: Autenticidade na Reabilitação do Património Histórico*; Faculdade de Arquitetura – UL; Lisboa, 2015; Dissertação de Doutoramento.

OSÓRIO, Vera – *Um Habitar entre Gerações: A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional*; Faculdade de Arquitetura – UL; Lisboa, 2016; Dissertação de Mestrado.

PEIXOTO, Nuno - *Critérios de Autenticidade na Reabilitação do Património Industrial no Arco Ribeirinho Sul relativamente ao Uso (Função) do Edificado* – Faculdade de Arquitetura – UL; Lisboa, 2016; Dissertação de Doutoramento.

PEREIRA, Sara – *Reabilitação de Património Industrial: Edifício da Antiga Central Elétrica, na Manutenção Militar de Lisboa*; ULHT – ECATI; Lisboa, 2017; Dissertação de Mestrado.

SERRANO, Ana – *Reconversão de Espaços Industriais: Três projectos de intervenção em Portugal*; IST – UTL; Lisboa, 2010; Dissertação de Mestrado.

SOUSA, Paula – *Reabilitar e Reutilizar o Património Industrial: Fábrica da Moagem da antiga Manutenção Militar*; ULHT-ECATI; Lisboa, 2018; Dissertação de Mestrado

